



UFES

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

RAYRA REINHOLZ DE NAZARETH

**FORMAS DE COMUNICAÇÃO DO AMOR CONJUGAL E QUALIDADE DO
RELACIONAMENTO: UM ESTUDO CORRELACIONAL**

VITÓRIA

2022

RAYRA REINHOLZ DE NAZARETH

**FORMAS DE COMUNICAÇÃO DO AMOR CONJUGAL E QUALIDADE DO
RELACIONAMENTO: UM ESTUDO CORRELACIONAL**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.
Orientador: Prof. Dr. Elizeu Batista Borloti

VITÓRIA

2022

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

D278f de Nazareth, Rayra Reinholz, 1991-
Formas de comunicação do amor conjugal e qualidade do relacionamento : um estudo correlacional / Rayra Reinholz de Nazareth. - 2022.
103 f. : il.

Orientador: Elizeu Batista Borloti.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Comportamento verbal. 2. Qualidade no relacionamento conjugal. 3. Comunicação. I. Borloti, Elizeu Batista. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

Rayra Reinholz de Nazareth

**“CORRESPONDÊNCIA ENTRE FORMAS DE COMUNICAÇÃO DO AMOR CONJUGAL E
SUA CORRELAÇÃO COM A QUALIDADE DO RELACIONAMENTO”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada em 28 de setembro de 2022.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Elizeu Batista Borloti
Orientador e Presidente da Sessão – UFES

Profa. Dra. Rosana Suemi Tokumaru
Examinadora Interna - UFES

Profa. Dra. Verônica Bender Haydu
Examinadora Externa - UEL



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por ROSANA SUEMI TOKUMARU - SIAPE 1372584 Departamento de Psicologia Social e Desenvolvimento - DPSD/CCHN Em 19/12/2022 às 17:37

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/625139?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
ELIZEU BATISTA BORLOTI - SIAPE 1176239
Departamento de Psicologia Social e Desenvolvimento - DPSD/CCHN
Em 27/02/2023 às 13:58

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/657974?tipoArquivo=0>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
RAFAEL MOURA COELHO PECLY WOLTER - SIAPE 3049828
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGP/CCHN
Em 02/03/2023 às 18:22

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/660930?tipoArquivo=0>

Dedicatória

Dedico a todos os casais e terapeutas de casais, pretendendo contribuir em suas trajetórias de vida, tanto na qualidade do relacionamento quanto na melhora e evolução da terapia de casais.

Dedico também a meus pais, Geruza e José Maria, por todo amor e dedicação por mim e pelo exemplo de uma vida conjugal saudável. Dedico, especialmente, ao meu avô Alberto Reinholz [*In memoriam*], que com todo seu exemplo de vida, me mostrou que o amor é decisão e ação, transformando especialmente o coração daqueles que amam. Geruza, José Maria e Alberto, vocês me mostram a cada dia que existe importância no amor e na forma em que se é expressado e demonstrado!

“O que é o amor se não outro nome para reforçamento positivo?”

B. F. Skinner

Agradecimentos

Agradeço à Deus e a Nossa Senhora Maria Santíssima, por terem me concedido a graça de alcançar a vitória da conclusão dessa dissertação. Para quem tem fé, nada é impossível!

Agradeço à minha família, meus pais e minha irmã Johanna por todo amor, incentivo e acolhimento. Ao Thiago Arêas, meu noivo, por toda contribuição de ideias, paciência, tolerância e compreensão. Aos meus amigos de comunidade, Charles, Thiago, Fernanda, Ramires, Lorena, Vitor, Gislaine, Clara, Glicea, por toda oração, acolhimento e ensinamento. As meninas guerreiras do PPGP, Savana e Juliana, por toda conversa, compreensão e auxílio. À Ligia Pimenta e Ivana Moreno por todo conhecimento, ajuda, troca de ideias, apoio emocional durante o processo e contribuição de conhecimentos. À pesquisadora em iniciação científica, Luísa Brioschi, que me auxiliou do início ao fim da dissertação com exemplar dedicação. Ao professor Dr. Elizeu Borloti, por se dedicar ao meu estudo se debruçando nas correções e pela excelência nas observações de escrita da dissertação. À Juliana Gomes por todo carinho, atenção e dedicação e à Jaqueline Ferrari, meu muito obrigada.

Enfim, aprendi mais uma vez, nessa longa jornada até aqui, que para chegar longe não se chega sozinha.

Resumo

A insatisfação conjugal pode estar relacionada com a incongruência entre a expressão (aquilo que é dito) e a demonstração (aquilo que é feito) do amor e acabar levando o casal a se queixar sobre a qualidade do relacionamento, podendo, por vezes, refletir em relatos como: “Ele(a) fala, mas não faz o que diz” ou “Ela(e) diz que me ama, mas não me parece verdade.” O presente estudo objetivou correlacionar as variáveis correspondência verbal-verbal percebida e autopercebida das formas de expressão e demonstração do amor e a variável qualidade do relacionamento conjugal. A amostra foi construída por 34 casais e 1 “trisal” (n=71) com membros com 18 anos ou mais de idade e morando juntos, não importando o estado civil e o tempo do relacionamento. Os participantes responderam individualmente no formato online aos seguintes instrumentos: Questionário de Admissão, contendo os dados sociodemográficos, Escala de Avaliação dos Elementos do Relacionamento do Casal e Questionário de Avaliação da Correspondência entre Frequência e Forma de Expressão e Demonstração do Amor. Os resultados demonstraram que houve correlação positiva entre a correspondência de expressão e demonstração do amor (comunicação conjugal) e a qualidade do relacionamento, confirmando que, quanto melhor a comunicação entre o casal, melhor a qualidade do relacionamento. Os dados encontrados podem respaldar teorias e instrumentos para analisar as relações amorosas contemporâneas e subsidiar a prática clínica e os estudos acerca da comunicação conjugal e da correspondência verbal-verbal.

Palavras-chave: Comunicação Conjugal, Correspondência, Qualidade do Relacionamento, Análise do Comportamento.

Abstract

Marital dissatisfaction may be related to the incongruity between the expression (what is said) and the demonstration (what is done) about love. This may lead the couple to complain about the quality of the relationship which sometimes can be reflected in reports such as: "He/she talks but doesn't do what he/she says." or "She/he says he/she loves me, but it doesn't seem true to me.". The current research aimed to correlate the variable "verbal-verbal correspondence" perceived and self-perceived from the forms of expression and demonstration of love and the variable "quality of the marital relationship". The sample was built by 34 couples and 1 "throuple" (n=71) with members aged 18 or over and living together, regardless marital status and length of relationship. Participants answered individually and online the following questionnaires: "Admission Questionnaire", containing sociodemographic data, "Couple Relationship Elements Assessment Scale" and "Correspondence Assessment Questionnaire between Frequency and Form of Expression and Demonstration of Love". The results showed the existence of a positive correlation between the correspondence of expression and demonstration of love (marital communication) and the quality of the relationship. This confirms that the better the communication between the couple, the better the quality of the relationship. The findings can support theories and instruments to analyze contemporary love relationships and contribute to clinical practice and studies about marital communication and verbal-verbal correspondence.

Keywords: Marital Communication, Correspondence, Relationship Quality, Behavior Analysis.

Sumário

| | |
|--|------------|
| Apresentação | 16 |
| 1. Introdução..... | 20 |
| 1.1 <i>Comportamento verbal e comunicação conjugal.....</i> | 23 |
| 1.2 <i>Correspondência entre formas de comunicação e a qualidade do relacionamento conjugal.....</i> | 31 |
| 2. Objetivos..... | 39 |
| 2.1 <i>Objetivo Geral.....</i> | 39 |
| 2.2 <i>Objetivos Específicos</i> | 39 |
| 3. Método | 41 |
| 3.1 <i>Participantes e critérios para a participação</i> | 41 |
| 3.2 <i>Local e Instrumentos</i> | 42 |
| 3.3 <i>Procedimento</i> | 43 |
| 3.4 <i>Procedimentos para análise dos dados.....</i> | 46 |
| 5. Discussão | 51 |
| 6. Conclusão Geral..... | 63 |
| 7. Considerações Finais | 64 |
| Referências | 66 |
| Apêndices..... | 75 |
| Anexos..... | 101 |

Lista de figuras

Figura 1. Gráfico de dispersão entre os escores da Parte A e Parte B do Questionário de Avaliação da Correspondência

Figura 2. Gráfico de Dispersão entre as variáveis: Escores da Qualidade e Parte A da Correspondência

Figura 3. Gráfico de Dispersão entre as variáveis: Escores da Qualidade e Parte B da Correspondência

Lista de tabelas

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica dos participantes (N=71).

Apresentação

Estudar o comportamento humano e as razões que levam os indivíduos a se comportarem de determinadas maneiras foi a principal razão pela qual optei por cursar a graduação em Psicologia pela FAESA¹. O interesse específico em investigar a correlação entre o comportamento verbal e a qualidade do relacionamento conjugal surgiu durante a disciplina Análise Experimental do Comportamento (AEC), quando pude estudar a filosofia que a embasa, isto é, o Behaviorismo.

Analisar as variáveis envolvidas na aprendizagem da verbalização dos sentimentos, ou seja, como as pessoas relatam suas emoções dentro de uma comunidade verbal, despertou o interesse inédito em mim por aprofundar os estudos sobre tema. Este fato influenciou minha experiência como psicóloga clínica – a princípio com o comportamento verbal de indivíduos com atraso no desenvolvimento. Nesse período como clínica, atuei diretamente com treinos de habilidades com o público infantil com transtornos de desenvolvimento, como o treino de habilidades sociais e, principalmente, o treino de operantes verbais (e.g., ecoico, mando e intraverbal), além do treino de correspondência fazer-dizer no que diz respeito aos relatos de eventos passados (relato do que de fato foi feito no passado).

Ainda na prática clínica (com o público adulto em geral) lidei com diversas demandas, dentre elas, os relacionamentos conjugais; e, especificamente, os aspectos da qualidade do relacionamento e da comunicação entre os que se relacionam. Com o decorrer dessas experiências, notei que parte considerável do quantitativo de pessoas que me procurava enquanto psicóloga relatava dificuldades em relacionamentos interpessoais

¹ Sigla correspondente a Faculdades Integradas Espírito Santenses.

conjugais, especificamente dificuldades atreladas aos aspectos da comunicação entre o casal.

Já no mestrado, sob a orientação do Professor Dr. Elizeu Batista Borloti, reafirmei o interesse por estudar casais e comportamento verbal. A princípio, almejamos dar prosseguimento ao estudo iniciado nos EUA por Mavis Tsai. Tratava-se de uma intervenção com foco no comportamento verbal; e que, à época, acontecia simultaneamente no Brasil (Maitland et al., 2017). A metodologia desse estudo consistiu na aplicação do Protocolo ACL (Awareness, Courage and Love), derivado dos princípios da Functional Analytic Psychotherapy (FAP), com o intuito de analisar como o protocolo poderia contribuir para a melhora da comunicação conjugal (Tsai, et al., 2011).

Destarte, o problema do projeto de pesquisa e o tema que embasam esta dissertação foram elaborados. O problema “A qualidade do relacionamento conjugal sofre influência positiva quando há correspondência verbal-verbal entre o casal?” foi o direcionado pelo tema: “Formas de Comunicação do Amor Conjugal e a Qualidade do Relacionamento”. Neste direcionamento, os objetivos do presente estudo foram formulados.

Estimou-se que a exploração de contingências comportamentais nos relacionamentos amorosos pode contribuir para ampliação dos conhecimentos científicos acerca das funções conjugais que estão relacionadas com a qualidade do relacionamento – especialmente no que se refere às formas de expressão e demonstração do amor. Assim, a hipótese do estudo foi a de que casais que consideraram possuir boa qualidade no relacionamento conjugal apresentam, também, boa comunicação entre si.

A análise demonstrou que os dados coletados são pertinentes à formulação e execução de novos métodos, programas e protocolos de atendimentos clínicos em

psicologia para casais que tenham questões relacionadas à comunicação e qualidade do seu relacionamento conjugal. Verificou-se, ainda, a correlação da qualidade do relacionamento conjugal e a correspondência verbal-verbal entre eles, tendo em vista que a busca por estudos sobre a correspondência verbal-verbal na qualidade do relacionamento conjugal publicados nos últimos cinco anos mostrou poucos resultados circunscritos ao problema deste estudo (Wechsler & Amaral, 2009; Delatorre & Wagner, 2021, 2022; Inácio et al., 2021; Londero-Santos et al., 2021; Luz & Mosmann, 2018; Costa et al., 2020).

Assim, a relevância científica de responder à pergunta desta pesquisa apresenta-se, principalmente, por se tratar de uma problemática que carece de atualizações constantes dos estudos. Ademais, há lacunas oriundas da necessidade de atualização das variáveis que podem influenciar a qualidade do relacionamento conjugal, como demonstrado por Guedes e Assunção (2006). As formas das respostas de comunicação variam expressivamente, o que demanda uma sistemática para a sua descrição.

O trabalho pode ser considerado como uma pesquisa empírica preliminar sobre a correlação entre correspondência verbal-verbal do casal e qualidade do relacionamento conjugal. Foi realizado a partir da análise do meio e das formas de respostas verbais (Skinner, 1957) de comunicação, especificamente as sonoras e ópticas – que geram produtos que são ouvidos e vistos pelo ouvinte, respectivamente. Optou-se por utilizar a taxonomia do contexto, do meio e das formas de respostas de comunicação, conforme sistematização de Balbi Neto (2016), que consiste em classificar as respostas de comunicação com base no contexto de sua ocorrência, no meio em que ela tem efeito, nas suas formas e nas formas do seu produto.

A relevância social deste estudo é estimada pela potencialidade que este tem para auxiliar terapeutas de casal na busca de formas para melhorar a correspondência verbal-verbal e, por conseguinte, a qualidade do relacionamento conjugal. As análises derivadas da pesquisa poderão ser úteis às intervenções clínicas, sobretudo no que se refere às formas de *expressão* e *demonstração* do amor, conforme diferenciadas por Baum (2006). Em suma, os resultados desta pesquisa poderão direcionar o profissional de psicoterapia conjugal a pensar em estratégias de intervenção que possam melhorar a comunicação entre os cônjuges, contribuindo assim para um relacionamento conjugal mais saudável e duradouro, além de respaldar teorias e instrumentos para analisar as relações amorosas contemporâneas.

A dissertação está dividida em tópicos, introduzidos por uma síntese dos referenciais teóricos que a sustentam. O primeiro deles apresenta a introdução do referencial teórico, que foi dividido em 2 subtópicos para facilitar a compreensão. O segundo explicita os objetivos da pesquisa desenvolvida.

A seguir, no terceiro tópico, está descrito o método utilizado pela pesquisadora. A ele se seguem os tópicos que apresentam os resultados, a discussão destes, a conclusão geral e as considerações finais, nessa ordem. A última parte desta dissertação contém as referências, anexos e apêndices de materiais relevantes ao processo de pesquisa.

1. Introdução

As relações amorosas consistem em relações interpessoais íntimas, cuja característica principal é o compartilhamento de sentimentos e emoções fortes positivas e negativas (Hernandez & Oliveira, 2003). Podem ou não ter vínculos conjugais e/ou matrimoniais formais e são permeadas por contextos socioculturais diversos, dos quais cada membro do casal faz parte (Porreca, 2019). Relacionamentos amorosos acontecem de variadas maneiras e sofrem mudanças por influências de elementos que são históricos, sociais, culturais.

O poliamor, por exemplo, que consiste na multiplicidade de parceiros e fidelidade entre eles, é uma forma de relacionamento que, para Guedes e Assunção (2006), pode gerar sofrimento emocional nas pessoas por ser vista com desaprovação por parte da sociedade ou de subgrupos dela. O relacionamento poliamoroso é um tema pouco estudado empiricamente. Um estudo recente (Wallace, 2019) sobre a comunicação no poliamor, que entrevistou 12 participantes vivendo em alguma forma de relacionamento poliamoroso, visou entender como a comunicação ocorre na negociação de regras e limites. A necessidade do manejo do ciúme e da dubiedade das regras foram as maiores questões nesses relacionamentos, mesmo que, para seus membros tenha havido um incremento no relacionamento e uma maior satisfação conjugal. A contingência do poliamor parece exigir mais habilidade de expressão e demonstração de sentimentos e outros encobertos ao/a(s) parceiro/a(s), especialmente o ciúme eliciado por traições com um “quarto” de fora da relação ou com o “terceiro” de dentro da relação, que pode se ver, em um momento do ciclo de vida do “trisal” recebendo amor com peso diferente (Wallace, 2019).

Sessões de psicoterapia de casal são um dos contextos em que se faz possível evidenciar a interferência de variáveis da conjugalidade na qualidade do

relacionamento. Para Pergher (2010) isso é possível porque, uma vez que “um cliente fala eminentemente sobre dificuldades no relacionamento conjugal ao longo das sessões de terapia, é provável que exista insatisfação acerca da qualidade da relação.” (p. 117). Descrições de dificuldades no relacionamento conjugal durante sessões de terapia de casal indicam “insatisfação acerca da qualidade da relação.” (Pergher, 2010, p. 117).

Ainda que não haja punição social para o tipo do relacionamento conjugal, motivos de insatisfação ligados à fatores específicos da relação conjugal são levados à terapia do casal (Pergher, 2010). Partindo de um, ou de ambos os cônjuges, questionamentos podem evidenciar a existência de conflitos entre os membros do casal e os levar a adotar estratégias para resolvê-los.

A ineficácia da comunicação gera sofrimento aos casais que buscam psicoterapia de casal, sendo comum na prática clínica constatar déficits no repertório de comportamentos de comunicação que tornam deletéria e insustentável a relação conjugal e, em alguns casos, culminam no seu término. Mosmann et al. (2006) afirmam que avaliações negativas do relacionamento entre os membros do casal tendem a ocorrer quando há comportamentos considerados negativos ao olhar de um para com o outro membro e vice-versa. Neste sentido, o nível de discriminação da correspondência do amor na comunicação desse sentimento no repertório verbal do outro da relação e em si mesmo pode estar relacionado à positividade ou negatividade da comunicação do amor.

Considerando que o amor é “um outro nome para reforçamento positivo” (Skinner, 1987, p. 296), é possível inferir que a comunicação do amor permeia a comunicação positiva conjugal em geral. A comunicação negativa não vai deixar de ocorrer em algum momento do ciclo de vida do casal (Luz & Mosmann, 2018), entretanto a boa comunicação do amor pode contribuir para reduzir a probabilidade da

ocorrência da comunicação negativa. Isto corrobora o quanto a qualidade do relacionamento, direta ou indiretamente, pode depender da forma e da função do comportamento verbal nessa comunicação.

São muitas as indagações sobre as variáveis que envolvem a qualidade da vida numa díade conjugal; assim, a pergunta “Como ter um relacionamento feliz?” é apenas uma delas, talvez a mais frequente entre leigos. Mesmo que haja o desejo de encontrar respostas para os problemas do casamento, as investigações científicas, como a de Mosmann et al. (2006), apontam para a complexidade do fenômeno “relacionamento conjugal” e, portanto, não existem respostas simples a serem encontradas.

Os comportamentos adotados pelo casal para a resolução do problema relacional eminente trarão um desfecho: uma consequência a partir da qual se poderá avaliar qual foi o comportamento-solução mais ou menos efetivo para o caso (Costa et al., 2017). Da mesma forma, a comunicação entre o casal tem um papel importante para a efetividade da resolução desses conflitos, uma vez que ela pressupõe a importância da negociação entre os membros do casal para se chegar a uma solução consensual (Markman et al., 2010; Costa et al., 2017). Luz e Mosmann (2018) relataram que o casal vai aprimorando suas habilidades de ajustamento diante das demandas do relacionamento ao longo do tempo, mesmo que a comunicação negativa entre os parceiros apareça.

O estudo de Markman et al. (2010) avaliou as associações entre conflitos no relacionamento antes do casamento e ocorrência de divórcio nos primeiros cinco anos de matrimônio. Os autores concluíram que a comunicação negativa é um fator de risco mais forte para o divórcio, tendendo a ser superenfaticada pelo casal por ser associada com as experiências mais dolorosas em relacionamentos anteriores ou na história conjugal sendo vivenciada. Isto pode se dever ao fato de que “comportamentos considerados negativos pelo outro gerariam avaliações negativas do matrimônio”

(Mosmann et al., 2006, p. 318). Verifica-se, portanto, a importância da comunicação para o relacionamento conjugal, e o quanto a qualidade desse relacionamento pode depender, direta ou indiretamente, da forma e da função do comportamento verbal nessa comunicação.

1.1 Comportamento verbal e comunicação conjugal

O conceito tradicional de comunicação, segundo Santaella e Nöth (2004), abarca o fenômeno que ocorre quando um emissor transforma uma mensagem específica em sinais enviados por um canal de comunicação ao receptor, que os converte na mensagem e a compreende. Entretanto, o presente estudo o conceito de comunicação é utilizado pela perspectiva pragmatista, característica da Análise do Comportamento.

Sintetizada por Balbi Neto (2016), a partir da obra original de Skinner (1957), a Análise do Comportamento leva em consideração todos os níveis de seleção (ontogênese, filogênese e cultura) do comportamento dos organismos; e interconecta as áreas de conhecimento da comunicação (e.g., Antropologia, Comunicação Social, Sociologia) em cada nível de seleção. Esse conceito diz que um comportamento verbal qualquer (escrever, dizer, gesticular etc.) só produz (“comunica”) algo pela mediação de um ouvinte que compreende esse comportamento a partir do estímulo antecedente ao comportamento verbal em questão e da consequência a ser provida ao falante.

A relação antecedente-comportamento-consequência (i.e., a contingência) é o que dá significado ao comportamento verbal na comunicação com e sobre o mundo (Skinner, 1957), e a mediação do ouvinte é o cerne do conceito comportamental de comunicação, embasado na conclusão da Análise do Comportamento, e retomada na sentença seminal do livro *O Comportamento Verbal: O homem age sobre o mundo e é modificado pelas consequências desse agir* (Skinner, 1957).

Algumas vezes, a ação operante dos homens (comportamento) modifica o mundo mecânico, por exemplo, quando o fechamento de uma porta é consequência da ação direta de fechar essa porta. Outras vezes, essa ação modifica primeiro outro homem ou outra mulher para, depois, modificar o mundo mecânico, por exemplo, quando o fechamento de uma porta é o efeito da ação de alguém que atende ao pedido “feche a porta, por gentileza”. Nessa segunda condição, a ação sobre o mundo mecânico é mediada pela ação dessa outra pessoa a partir de alguma forma de comunicação. É neste segundo entendimento que Skinner (1957) define o comportamento verbal: um tipo de comportamento operante que produz mudanças mecânicas no mundo somente pela mediação de um ouvinte previamente treinado pela comunidade verbal a responder a esse operante.

Para Barros (2003), retomando a afirmação inédita de Skinner (1957), a diferença entre o comportamento verbal e não verbal é que o segundo tem como consequência os efeitos que produz nas relações mecânicas diretas entre comportamento e ambiente físico, como quando o efeito porta fechada e segue ao fechar essa porta. O primeiro, como o “feche a porta, por gentileza”, tem como consequência imediata os efeitos que produz em um ouvinte que irá mediar o efeito mecânico final, a porta fechada.

A consideração da mediação de outra pessoa nas formas de comunicação é relevante diante de conflitos interpessoais, especialmente os conjugais, que podem levar os casais a buscar o serviço da prática clínica comportamental de casais. Neste contexto clínico, as “intervenções focando as trocas entre os parceiros (contratos de intercâmbio comportamental) são usadas para aumentar a frequência de trocas positivas” (Silva & Vandenberghe, 2008, p. 164). É comum na terapia comportamental de casais se constatar déficits no repertório de comportamentos de comunicação que culminam no

término da relação ou, quando não, a tornam deletéria e insustentável, podendo causar sérios danos emocionais.

Durante a comunicação entre os membros de um casal, assim como em qualquer díade falante-ouvinte, ambos alternam os papéis de falante e ouvinte. No papel de falante, ambos emitem operantes verbais, sendo os operantes verbais públicos os mais relevantes para essa comunicação interpessoal (Balbi Neto, 2016). Os operantes verbais públicos mais comuns na comunicação conjugal, assim como em qualquer relação interpessoal, como apontado por Balbi Neto, são os sonoros, especialmente os corporais vocais lexicais não melódicos (i.e., o falar) e os ópticos, especialmente os instrumentais (e.g., o escrever) e os corporais, notadamente, dentre estes últimos, os cinésicos (e.g., o gesticular).

Cada um dos operantes verbais públicos citados acima como mais comuns na comunicação conjugal podem expressar e demonstrar, de diferentes formas, diferentes aspectos do que está sendo comunicado entre o casal. Baum (2006) demonstra que expressar amor é o falante emitir um operante verbal que tateia o amor ocorrendo (sentido) nele. O demonstrar amor, no entanto, segundo o autor, é caracterizado pela emissão pelo falante de um operante não verbal correlato ao amor ocorrendo nele.

O modo como o parceiro ouvinte percebe as formas de expressar e demonstrar na comunicação do parceiro falante pode interferir na qualidade do relacionamento amoroso entre ambos. Se esse modo de perceber o que é expresso e demonstrado apresentar alguma propriedade aversiva (como as muitas formas de invalidação), ela tenderá a marcar, tanto em quem percebe quanto em quem o expressa e demonstra, uma percepção negativa do casal sobre seu relacionamento. Opostamente, “os comportamentos positivos dos cônjuges aumentam sua avaliação positiva do casamento e, por consequência, seu nível de satisfação.” (Mosmann et al., 2006, p. 318). Expressão

e demonstrações são, portanto, formas de comunicação. Enquanto a expressão na comunicação (do amor e de quaisquer emoções) se faz com operantes vocais, a demonstração, em geral, se faz com operantes ópticos (Mosmann et al., 2006).

O comportamento verbal óptico é definido quando a mediação pelo ouvinte se faz a partir de estímulos verbais visuais produzidos pelo comportamento do falante, e que são vistos pelo ouvinte. Comportamentos verbais ópticos incluem: os gestos, as expressões faciais, as orientações do corpo em relação ao espaço, a postura do corpo em relação a si mesmo, a distância falante-ouvinte, a escrita e a indumentária (Balbi Neto, 2016; Skinner, 1957).

Todos os estímulos verbais ópticos são produtos de meios para formas de comportamento verbal que, não por sons lexicais, comunicam aquilo que se quer comunicar (Silva et al., 2000). Assim, quando o falante se posiciona próximo ao ouvinte enquanto diz “eu te amo”, o comportamento de se posicionar assim é definido como um comportamento verbal óptico, uma forma de comunicação a partir da orientação do corpo em relação ao espaço e da distância falante-ouvinte.

Nas categorias de operantes verbais descritas por Skinner (1957), as funções ou relações verbais possíveis são o mando, o tato, o ecoico, a transcrição, o textual, o intraverbal e o autoclítico. Algumas dessas relações são definidas pela forma sonora da resposta, como é o caso do ecoico, cuja resposta é vocal e está sob controle de estímulo vocal com correspondência ponto a ponto estímulo-resposta, e o estímulo verbal pela resposta produzido é sonoro. As demais relações podem ser sonoras e ópticas, segundo os estímulos que produzem; e eles controlam o comportamento do ouvinte por terem as funções específicas, como quando a escrita da fala (transcrição) é um pedido (mando) de socorro. Tatos e mandos podem ser considerados como as relações verbais mais presentes no repertório de um falante (Skinner, 1957). O tato é o comportamento verbal

cujo peso maior do seu controle está nos estímulos antecedentes não verbais, como objetos, pessoas e acontecimentos (e.g., tateia-se com “amor” um estado corporal, a pessoa amada e um momento em um relacionamento) e ele beneficia mais ao ouvinte, no sentido em que é importante para o ouvinte saber como o mundo afeta o falante. O mando é o comportamento verbal cujo peso maior do seu controle está nas operações motivacionais antecedentes, como estados de privação e estimulação aversiva (e.g., manda-se que o ouvinte diga “Sim” com “Você me ama?”, quando há uma privação de sinais de afeto positivo em um relacionamento) e ele beneficia mais ao falante, no sentido em que um estado de privação ou de aversividade é encerrado. Enquanto o mando é mantido por reforço específico (e.g., o “Sim” do ouvinte à pergunta do falante “Você me ama?”), o tato é mantido por reforço generalizado (e.g., a concordância do ouvinte ao dizer do falante “Meu amor” no momento do sexo).

O operante verbal sonoro corporal vocal lexical não melódico (i.e., a fala) é, segundo análise da taxonomia de respostas comunicativas, o meio e a forma de comunicação mais estudada (Balbi Neto, 2016), como já apontara Skinner (1957). Este último será denominado, a partir de agora, apenas por comportamento verbal vocal.

No comportamento verbal vocal “o falante cria um padrão auditivo [sonoro], que é reforçado quando afeta o ouvinte enquanto estímulo auditivo [sonoro]” (Skinner, 1957, p. 94). Esse padrão tem sua importância na comunicação conjugal, o tema central deste estudo, pela velocidade com que o estímulo sonoro gerado, por exemplo, pelo marido (falante), chega à esposa (ouvinte). Tomem-se como exemplos de fala as instruções verbais, estímulos que “podem modificar comportamentos do ouvinte em situações em que as consequências naturais são, por si mesmas, ineficientes ou são eficazes somente em longo prazo” (Catania, 1998; 1999, p. 275). Em outras palavras, uma instrução (e.g., falada ou escrita) dada a um indivíduo poderá modificar o ambiente

em que esse indivíduo estará inserido após o momento em que a instrução for demandada pela primeira vez, mesmo em longo prazo.

Como afirma Skinner (1957), instruções podem ser discriminadas em atos de sentimentos e, com função de mando, controlar comportamentos subsequentes. Como quando um membro do casal diz “eu te amo, por isso gosto de assistir televisão contigo!” e este dizer produz como consequência no outro membro o convite diário para assistir televisão. Verifica-se que falas com essa, que acabam tendo função de instrução, podem contribuir para a prevenção de conflitos e a satisfação conjugal.

Na relação conjugal, “a falta de habilidade de comunicação se torna particularmente destrutiva [...], por outro lado, a comunicação eficaz pode ser um dos pré-requisitos para uma boa negociação” (Silva & Vandenberghe, 2008, p. 162). Costa et al. (2017) corroboram esta afirmação e acrescentam que a negociação tem um papel importante para se chegar a uma solução de problemas ou conflitos conjugais. Tanto o que é visto quanto o que é ouvido, ou o que é mostrado ou falado, por qualquer um dos cônjuges, é levado em conta durante a comunicação. Isso ocorre não apenas em negociações, mas também em outras funções comunicativas, tanto com estímulos sonoros quanto com ópticos.

Baum (2006) destaca que “dentre os estímulos discriminativos mais importantes que modulam o comportamento verbal, estão os estímulos auditivos [sonoros] e visuais [ópticos] produzidos pela pessoa que está no papel de falante.” (p. 149). Em sua taxonomia de respostas de comunicação, Baum destacou a relevância dos comportamentos verbais comunicativos que produzem estímulos sonoros e ópticos. Entretanto, todo o contexto no qual os indivíduos estão inseridos deve ser levado em consideração para avaliar a comunicação. Em outros termos, esses estímulos e seus

significados (i.e., sua função nas contingências da comunicação) assumem especial relevância nessa avaliação (Balbi Neto, 2016).

Assim como outros operantes, os verbais estão sujeitos ao controle de estímulos que compõem o contexto da comunicação. É por esse controle que se entende os significados do comportamento do organismo, com ou sem “palavras” (e.g., apontar para um copo na cozinha não significa o mesmo que apontar para um copo na vitrine de uma loja). Sobre a importância do contexto para o significado de uma ação verbal, Baum (2006) afirma:

Se algum significado existe no “significado” de uma ação verbal (por exemplo, uma verbalização ou um gesto), ele consiste nas condições sob as quais é provável que essa ação ocorra: o contexto e o reforço nesse contexto. Ao compreender as ações verbais à luz de seu uso, percebemos que algumas são diretivas (chamadas mandos) e dependem mais do reforço específico do que do contexto, enquanto outras são informativas (chamadas fatos) e dependem mais do contexto específico do que do reforço. (Baum, 2006, p. 161)

A relação interpessoal no casal inclui, assim, o controle de estímulo advindo da história de contingência de reforçamento verbal de cada parceiro e o advindo do contexto atual. O significado que um membro da díade conjugal dá para aquilo que está sendo comunicado pelo outro membro (e.g., dito em um operante verbal vocal), e vice-versa, está relacionado à história de vida de cada um e à contingência presente definidora da relação interpessoal entre ambos. A forma de se comportar – que cada parceiro aprendeu a expressar e demonstrar sentimentos e outros eventos privados – advém do reforço dessas topografias no passado, podendo elas ser assertivas ou não (Skinner, 1957).

O inevitável vice-versa descrito por Skinner (1957) como presente em qualquer episódio verbal é recolocado por Balbi Neto (2016), quando o autor afirma que “o comportamento de comunicação ocorre quando o produto de um comportamento é estímulo (antecedente, conseqüente, condicionado ou incondicionado) para outro comportamento” (p. 28). O comportamento de comunicação pode ser do próprio falante ou do ouvinte, por exemplo, quando a grafia produzida na tela do celular pelo apertar as teclas, da esposa, é estímulo para o comportamento de ler, do marido.

A depender da história de vida de cada membro do casal (e das contingências de comunicação que foram anteriormente reforçadas), a comunicação entre a díade pode ser assertiva e gerar conseqüências reforçadoras. Ou, opostamente, ser agressiva ou passiva, e gerar conseqüências aversivas, levando ambos a se esquivarem mutuamente. Esse último caso acontece, por exemplo, quando os membros tendem a evitar a ocorrência de uma determinada situação (e.g., festas em que se encontrem ex-parceiros de um ou de outro) em vez de resolvê-la.

Em relacionamentos aversivos são frequentes as emissões de esquivas, isto é: quando a resposta do indivíduo é reforçada por evitar que o estímulo aversivo ocorra, ainda que este sequer esteja presente no ambiente (Moreira & Medeiros, 2007). O comportamento de “evitação” prejudica a comunicação entre o casal pois “a esquiva impede a solução satisfatória do problema, que resulta de seu enfrentamento, tirando a chance do indivíduo de obter acesso a reforçadores maiores futuramente, e/ou agravando ainda mais o conflito” (Silva & Vandenberghe, 2008, p. 162). A esquiva é, segundo Silva e Vandenberghe, uma das funções que podem estar presentes em uma comunicação inefetiva. Ela é responsável por manter tanto a falta de correspondências entre formas de comunicação verbal por parte do falante (e.g., entre a comunicação

vocal e a gestual) quanto a falta de discriminação de correspondências entre essas formas por parte do ouvinte.

1.2 Correspondência entre formas de comunicação e a qualidade do relacionamento conjugal

A correspondência é, de modo geral, a relação de equivalência entre o dizer e o fazer não verbal. O desenvolvimento de uma correspondência funcional entre comportamento verbal e não verbal ocorre por meio do reforçamento dessa relação de equivalência, como aponta Israel (1978).

O presente estudo enfatiza a correspondência entre o falar e outras formas de “dizer não vocal”, ou seja, entre outras formas de comunicação, como: entre o falar (expressar) o nome de uma emoção e, concomitantemente, o demonstrar essa emoção facialmente. É possível que o falante emita ou não emita formas em correspondência, assim como é possível que o ouvinte discrimine ou não a presença ou a ausência dessa correspondência no repertório do falante no momento do episódio verbal. De fato, “o ouvinte pode atuar sobre o comportamento verbal do falante apenas se essas correspondências forem consistentes” (Catania, 1998;1999, p. 274).

Para que a presença ou a ausência dessa correspondência seja discriminada pelo ouvinte, as respostas de comunicação precisam ser respostas públicas, ou seja, acessíveis ao ouvinte, de forma expressada ou demonstrada. Como apontado anteriormente, no contexto da comunicação, Baum (2006) conceitua a *expressão* como a emissão de operante verbal; e a *demonstração* enquanto a emissão de operante não verbal. Neste sentido, quando se fala em correspondência entre operantes verbais, refere-se a duas formas de comunicação que podem ocorrer simultaneamente ou não.

A expressão verbal de sentimentos em uma relação conjugal, por exemplo, ocorre por meio das diferentes formas descritas por Balbi Neto (2016): fala, olhar, postura, gesto etc. Trata-se de uma das formas de comunicar ao outro sentimentos (como estados do corpo e como atitudes ou preferências por esses estados) nas relações com os estímulos presentes em vários momentos da vida diária do casal.

Verifica-se, no entanto, que em relações afetivas – sejam ou não conjugais – os sentimentos e atitudes diante destes que são expressos por meio do operante verbal vocal (i.e., pela fala audível) não são necessariamente aqueles expressos por meio de operantes verbais ópticos (i.e., que produzem estímulos verbais que podem ser vistos). Pode ocorrer do ouvinte compreender e significar aquilo que foi expresso pelo falante como não sendo “verdade”, pois, por exemplo, o que este vê no cotidiano não corresponde ao que ele está ouvindo – ou espera ouvir (Wechsler & Amaral, 2009).

A correspondência entre formas de comportamento é uma das características que se observa em uma comunicação efetiva. Nesse tipo de comunicação o comportamento verbal é consistente e, segundo Wechsler e Amaral (2009) “somente quando o comportamento do falante for consistente é que ele fornece estímulos discriminativos para gerar um comportamento no ouvinte.” (p. 190).

A literatura acerca do tema *dizer-fazer* descreve a correspondência verbal x não verbal como a associação entre o que o indivíduo diz que irá fazer e a observação da emissão desse comportamento (o fazer não verbal) em seguida (Greer et al., 2017). Ou, o inverso: quando ele faz (emite o comportamento não verbal) e, em seguida, diz o que fez (emite o comportamento verbal). Estudos (Lattal & Doepke, 2001; Beckert, 2005; Perez 2017) apontam, em contrapartida, que as respostas em correspondência podem ocorrer distantes no tempo.

A acurácia e a completude do dizer em relação ao fazer são afetadas por quem está presente no momento do dizer, que é aquele que exerce as diferentes funções do ouvinte (discriminativa, reforçadora, aversiva) (Skinner, 1957; Cortez et al., 2019). Nota-se, pois, que o ouvinte altera a probabilidade da emissão da resposta verbal pelo falante com ou sem correspondência com a resposta não verbal. Supõe-se que o mesmo possa ocorrer na correspondência verbal-verbal (i.e., entre duas formas de operantes verbais).

Consideremos tal análise para um episódio hipotético verbal entre marido e esposa: sendo ele o falante, a presença dela controlaria o relato com ou sem correspondência, a depender da história comportamental de ambos na relação conjugal. À exemplo, pode-se pensar em uma não correspondência que tenha provocado, em episódio anterior, um sentimento de mágoa à esposa. Como ilustração poderia ser uma cena em que o marido disse “eu te amo” para a esposa enquanto olhava para outra pessoa em uma festa, e esta esperava que seu marido fosse dizer “eu te amo” emitindo contato visual com ela. Esta situação poderia quebrar uma expectativa e gerar mágoa na esposa.

A quebra de expectativa em relação ao comportamento do marido pode ser entendida, a partir da não correspondência entre ouvir “eu te amo” e ver o contato visual feito pelo marido, como uma discriminação do não se sentir amada. A mágoa será uma consequência aversiva que poderá controlar o relato (falso) de uma correspondência pelo marido.

O relato do marido passa a ser controlado pela regra relacionada à hipótese de que uma não correspondência fosse magoar a esposa novamente no presente. Contudo,

o relato “mentiroso” pode gerar descrença na esposa que, no futuro, não acreditará no marido quando este lhe disser “eu te amo”.

O controle sobre o verbal com ou sem correspondência verbal-verbal poderia ser outro se o ouvinte fosse um amigo do marido. Lloyd (2002) aponta para o fato de que quando a correspondência entre repertórios está ausente, esta ausência é uma condição aversiva para o ouvinte. Isto aumenta o conflito falante-ouvinte (Perez, 2017).

Do ponto de vista do ouvinte, segundo a taxonomia de Balbi Neto (2016), deixa de haver correspondência verbal-verbal quando o que é comunicado (demonstrado) em uma forma verbal óptica e o que é comunicado (expresso) em uma forma verbal vocal pelo falante são diferentes. Do lado do falante, ele próprio pode ou não ter consciência de que está permitindo que o ouvinte ouça uma expressão verbal e veja uma demonstração verbal não correspondentes entre si. Quando o que é visto é diferente do que é dito, a crença do ouvinte no falante pode ser afetada e, conseqüentemente, a ação eficiente do primeiro em relação ao ambiente para o benefício do segundo também é afetada (Balbi Neto, 2016; Skinner, 1957).

Na síntese de Skinner (1957), “a frequência da ação eficiente, por seu lado, explica aquilo que podemos chamar de ‘crença’ do ouvinte: a probabilidade de que ele desempenhará uma ação eficiente face a um estímulo verbal particular” (p. 115). Logo, a correspondência verbal-verbal ocorre quando, por exemplo, o ouvinte julga como “verdade” o estímulo verbal que ele ouve ser produzido pelo falante porque apresenta relação mútua com o estímulo verbal que ele vê (viu ou espera ver) ser produzido pelo falante.

Outro exemplo possível: quando um parceiro conjugal, no papel de falante, diz “eu te amo” para a sua parceira (no papel de ouvinte). Se a sentença for dita

concomitante a um contato visual ou físico, é possível que a resposta da parceira seja “eu também te amo” – fato que reforçará o dizer do parceiro. Assim, o que o ouvinte escutou do falante correspondeu ao que ele viu dele, ou seja, a “verdade”, já definida anteriormente pela própria correspondência, foi tateada.

Skinner (1957) designa de tato a resposta que, de certa forma, é evocada (ou pelo menos reforçada) por um objeto particular ou acontecimento, como definido anteriormente. Explicamos a força dessa evocação mostrando que, na presença desse objeto ou acontecimento, tal resposta é caracteristicamente reforçada por determinada comunidade verbal. No exemplo conjugal do parágrafo precedente, o que está sendo tateado é o sentimento nomeado de amor.

O amor é definido por Skinner (1989/2006), como reforçamento mútuo; à essa definição ainda acrescentamos a correspondência verbal. A correspondência verbal, de ambos os tipos, é de suma importância em relações afetivas íntimas (Wilkins & Gareis, 2006). Segundo Wilkins e Gareis (2006), o compromisso mútuo entre cônjuges é positivamente correlacionado com a qualidade do casamento e com as expressões de amor, que precisam ser congruentes entre si.

Como dito, marido e esposa alternam os papéis de falante e ouvinte na emissão e na compreensão de respostas de expressão e demonstração de amor. Possivelmente, quanto maior a emissão de respostas de comunicação em correspondência, maior é a qualidade do relacionamento (Wilkins & Gareis, 2006). A comunicação em correspondência talvez defina a boa comunicação, pois ela está relacionada com a habilidade de negociação do casal que, por sua vez, está relacionada com as consequências positivas ou negativas dessa negociação. Este cenário leva o casal a

avaliar seu relacionamento como positivo ou negativo, conforme demonstrado por pesquisas prévias (Mosmann et al., 2006; Costa et al., 2017).

À exemplo, podemos nos referir novamente à cena fictícia, na qual o parceiro diz à parceira “eu te amo”. Na ocasião, ele, o falante, está entrando em contato com várias atitudes, sensações e emoções que ocorrem sob sua “pele” (Skinner, 1982). Tais eventos são privados, o que impossibilita de serem observados diretamente pela esposa, na condição a ouvinte. No entanto, são acessados pela esposa por meio do “eu te amo” – ou por outra forma de expressão e/ou de demonstração correlata, expressa pelo falante. Este exemplo de interação conjugal ilustra a relevância do operante verbal tato no repertório verbal, pois este beneficia o ouvinte na compreensão do falante (Skinner, 1957). A relação de tato “desenvolve-se de um modo peculiar, permitindo aos outros o ‘acesso ao mundo’ (público e privado) que controla o comportamento verbal do falante” (Borloti et al., 2009, p. 80).

Ao se tratar de correspondência verbal-verbal nota-se que o ouvinte está sob controle da *demonstração* do amor pelo falante enquanto ele, o próprio falante, *expressa* esse amor em correspondência com o amor demonstrado (Baum, 2006). No entanto, é preciso cautela, pois, a análise do tato nesse contexto pode ser complexa, uma vez que, “em se tratando de eventos privados, o vocabulário pode ser ensinado somente pela extensão de tatos, com base em eventos aos quais a comunidade verbal tem acesso” (Catania, 1998; 1999, p. 264). Nessa limitação, o ouvinte só tem acesso a esses eventos privados ao falante por meio do próprio falante (e.g. experimentar ritmo cardíaco acelerado, sudorese etc., enquanto diz que ama alguém). Outra cautela é que, na discriminação da correspondência verbal-verbal pelo ouvinte, o ouvinte está discriminando a emissão, pelo falante, do tato do comportamento verbal não vocal (demonstração de amor) e da própria correspondência verbal-verbal, e não do estímulo

não verbal em operação (sentimento amor) presente no controle de estímulo do comportamento do outro da relação (Catania, 1998; 1999).

O presente estudo, empregando a taxonomia de Balbi Neto (2016), enfatiza correspondências entre comportamentos verbais públicos: o sonoro corporal vocal lexical não melódico (a fala “eu te amo”) e os ópticos corporais, cinésicos (ocular, pupilar, facial, cefálico e gestual) e estáticos (proxêmicos, distal e postural, e estéticos). O autor classifica as respostas de comunicação estáticas em três categorias: 1) estática proxêmica distal, o posicionar o corpo em relação a outros estímulos; 2) postural, o posicionar o corpo em relação a si; 3) estéticos, o alterar dimensões físicas do corpo e o usar vestimenta ou acessório.

Ao enfatizar a correspondência verbal-verbal neste estudo, pretendeu-se, especificamente, identificar se haveria auto-observação e observação de correspondência na comunicação do casal entre o comportamento verbal sonoro “eu te amo” e o comportamento verbal óptico. Essa correspondência verbal depende da interação falante-ouvinte (Cortez et al., 2019); e a qualidade do relacionamento conjugal possivelmente está correlacionada a ela.

Face ao exposto, indagou-se como pergunta desta pesquisa: **a qualidade do relacionamento conjugal sofre influência positiva quando há correspondência verbal-verbal entre o casal?** Conjecturou-se que, a depender da história de aprendizagem na interação entre o casal no curso do relacionamento conjugal, poderia haver uma influência positiva entre estas variáveis. Considerou-se, ainda, que o tempo de relacionamento poderia influenciar na correspondência verbal-verbal entre o casal, uma vez que existe um conjunto de sensações e condições físicas que ocorrem no corpo do indivíduo quando ele encontra alguém que considera fisicamente atraente, e a

expressão disso é modelada durante o relacionamento amoroso com esse alguém, caso esse relacionamento ocorra (Guilhardi, 2008).

Para Skinner (1989/2006), quando o indivíduo ama, ele(a) reforça positivamente o comportamento da pessoa amada. Esse reforço pode depender da correspondência verbal entre os amantes. Por isso, a hipótese de resultado deste estudo foi que um casal com boa qualidade de relacionamento apresentaria uma melhor correspondência entre o que é comunicado a partir do estímulo verbal sonoro “eu te amo” e de estímulos verbais ópticos (correspondência verbal-verbal).

Quando se trata de verificar se há ou não correlação entre a qualidade do relacionamento conjugal e a correspondência verbal-verbal, a busca por estudos para revisão de literatura para o presente estudo não gerou retorno de publicações específicas sobre essa correlação. Em geral, a literatura recente dispõe de estudos que investigam muitas variáveis que interferem na qualidade de relacionamento conjugal (Delatorre & Wagner, 2021, 2022; Inácio et al., 2021; Londero-Santos et al., 2021; Luz & Mosmann, 2018; Costa et al., 2020) e dentre elas não se identificou a análise da correspondência verbal-verbal.

Parte dos estudos encontrados, que não têm como base a Análise do Comportamento, apontam a eficácia de programas de intervenção para melhorar a qualidade do relacionamento conjugal (Cordova et al., 2014; Doss et al., 2016). Rogge et al. (2017) avaliaram a eficácia dos programas Marriage Check Up, Our Relationship e Promoting Awareness Improving Relationships (PAIR) na qualidade do relacionamento; e empregaram a escala Positive-Negative Relationship Quality (PN-RQ) para a sua medição. Outros estudos apontam para aspectos que permeiam as relações amorosas, como a satisfação conjugal, os elementos do amor e as variáveis

sociodemográficas, e que influenciam na qualidade do relacionamento conjugal. A pesquisa de Rizzon et al. (2013), baseada na Teoria Triangular do Amor de Sternberg, focalizou os aspectos intimidade, paixão e decisão.

Nota-se que muitas ainda são as indagações quanto as relações entre as diversas variáveis (satisfação, amor, decisão, demonstração emocional etc.) identificadas nos estudos citados nos parágrafos precedentes, e “não há uma busca para compreender a dinâmica e desenvolver modelos explicativos dos mecanismos que geram essas distintas relações” (Guedes & Assunção, 2006, p. 316). Este estudo pretendeu contribuir para esses modelos e, pelas razões acima mencionadas, sua defesa se faz a partir dos objetivos a seguir.

2. Objetivos

2.1 Objetivo Geral

Investigar se a qualidade do relacionamento conjugal sofre influência positiva quando há correspondência verbal-verbal percebida e autopercebida na comunicação entre o casal.

2.2 Objetivos Específicos

- a) Analisar a forma do comportamento verbal óptico de demonstração do amor entre os membros do casal;
- b) Verificar se existe correlação entre o comportamento verbal vocal que produz o estímulo verbal sonoro “eu te amo” e o comportamento verbal óptico;
- c) Avaliar a qualidade do relacionamento conjugal;

d) Descrever as relações entre a correspondência verbal sonora-verbal óptica, percebida e autopercebida pelos membros do casal, e a qualidade do relacionamento conjugal.

3. Método

O estudo consistiu em pesquisa quantitativa exploratória, para verificação de relações entre variáveis, com exceção da relação causa-efeito. Portanto, do ponto de vista dos objetivos, essa foi uma investigação correlacional, de natureza aplicada, pela qual foi avaliada, segundo a definição de Selltiz et al. (1987) e Smith (2004), a interdependência entre a correspondência verbal-verbal entre o casal e a qualidade do relacionamento conjugal. O presente estudo descreveu a interdependência entre essa correspondência e essa qualidade (Selltiz, Wrightsman & Cook, 1987; Contandriopoulos, Champagne, Pontvin, Denis & Boyle, 1994).

3.1 Participantes e critérios para a participação

Participaram do estudo 34 casais e um “trisal” brasileiros (N = 71). Para inclusão no estudo, exigiu-se que os membros do casal tivessem 18 anos ou mais de idade e morando juntos. Ambos deveriam residir juntos, independentemente de estado civil, de orientação sexual e de autoidentidade de gênero de algum membro (i.e., poderiam ser incluídos casais casados ou não, poliafetivos, heteroafetivos, homoafetivos ou biafetivos, cujos membros fossem cisgêneros, transgêneros ou não-binários). Também foi critério para inclusão que ao menos um dos participantes possuísse equipamento eletrônico (celular ou computador, *laptop* ou *desktop*) com acesso à internet.

Adotou-se como critério de exclusão o não consenso entre o casal sobre a participação na pesquisa. Decidiu-se que, caso um dos membros do casal, após inclusão, desistisse do estudo, mesmo que a coleta já tivesse sido iniciada, ambos os conjugues seriam excluídos.

3.2 Local e Instrumentos

O estudo foi realizado no formato *online*, a partir de equipamentos eletrônicos e de acesso à internet. Além do *Questionário de Admissão* (contendo questões sociodemográficas), a qualidade do relacionamento conjugal e a correspondência verbal-verbal entre os membros do casal foram avaliadas a partir da aplicação de dois instrumentos – um deles desenvolvido especialmente pela pesquisadora autora deste estudo. Todos os questionários foram autoaplicáveis e com tempo médio total de 55 minutos para serem respondidos por cada participante, conforme procedimento detalhado a seguir.

Questionário de Admissão (Apêndice B): elaborado especificamente para o estudo em tela; objetivou coletar os dados sociodemográficos dos membros dos casais participantes, a saber: nome, idade, telefone, cidade de residência, e-mail, nome do(a) parceiro(a), e-mail do(a) parceiro(a), gênero que melhor se identifica, estado civil, escolaridade, tempo que residem juntos e tempo de relacionamento.

Escala de Avaliação dos Elementos do Relacionamento do Casal (Anexo A): proposto por Worthington et al. (1997), o instrumento avalia a qualidade do relacionamento do casal em uma escala *Likert* de 7 pontos (variando de 1 – “não poderia ser pior” a 7 – “não poderia ser melhor”) em termos de 7 aspectos específicos pontuados pela literatura como associados à qualidade do relacionamento (a saber: comunicação, resolução de diferenças, liberdade de culpar quem erra, disposição para admitir que feriu os sentimentos do outro, para perdoar após ter sido magoado, para estabelecer intimidade e para assumir compromisso com o outro em longo prazo). A soma das pontuações dos sete aspectos específicos, mais os pontos da escala *Likert* utilizada, totaliza 49 pontos. Quanto mais próximo de 49 for o resultado da soma total

da pontuação dos parceiros, melhor é a qualidade do relacionamento. Inversamente, quanto mais próxima de sete, pior é a qualidade do relacionamento. Esta escala foi traduzida para o português no estudo conduzido por Ramos (2020), versão que fora utilizada no presente estudo.

Questionário de Avaliação da Correspondência entre Frequência e Forma de Expressão e Demonstração do Amor (Apêndice C): elaborado especificamente para o presente estudo, o questionário avaliou a correspondência entre o comportamento verbal óptico (corporal cinésico e estático) e o comportamento verbal sonoro “eu te amo”. Foi baseado na taxonomia do contexto, do meio e das formas de respostas verbais (Skinner, 1957) de comunicação, especificamente as sonoras e ópticas, conforme sistematização de Balbi Neto (2016).

O questionário dispôs 22 perguntas no total e foi dividido em duas partes, compostas por 11 perguntas cada: Parte A, de avaliação da correspondência percebida no outro; e, Parte B, de avaliação da correspondência autopercebida. De acordo com a resposta ao instrumento, foi calculado o escore do respondente, sendo: Nunca - 0 pontos; Raramente - 1 ponto; Às vezes - 2 pontos; Muitas vezes - 3 pontos e; Sempre - 4 pontos. A pontuação total das partes A e B foi calculada com base na média da pontuação nas perguntas de cada respondente.

3.3 Procedimento

O projeto foi submetido à avaliação pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Espírito Santo em abril de 2022. A coleta de dados foi devidamente iniciada após aprovação (parecer CAAE: 55794021.2.0000.5542).

Devido à situação global ocasionada pela Covid-19, a pesquisa foi realizada de forma *online*; sem qualquer contato físico, de modo a assegurar a saúde dos envolvidos.

Para coleta, utilizou-se o aplicativo de gerenciamento de pesquisas, Google Forms. Salienta-se que os critérios do Ofício Circular N° 2/2021/CONEP/SECNS/MS da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa foram seguidos, com vistas a atingir o objetivo do estudo.

A divulgação da pesquisa foi feita por meio de rede social e aplicativos de mensagens (Instagram e WhatsApp). Um folder-convite foi enviado a potenciais participantes, contendo as seguintes informações: a) título do estudo; b) objetivo do estudo; c) logo da Universidade Federal do Espírito Santo; c) nome da responsável pelo estudo; d) e-mail da pesquisadora; e) número do telefone da pesquisadora; f) critérios de inclusão e exclusão para participar deste estudo; g) informação de que será apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido –TCLE (*Apêndice A*), para anuência do candidato a participante, antes de responder aos instrumentos descritos anteriormente.

Os interessados em participar da pesquisa entraram em contato com a pesquisadora responsável através do WhatsApp e Instagram. Em seguida, estes receberam o primeiro *link* que deu acesso ao TCLE constando o objetivo do estudo, a justificativa, os eventuais riscos, informações sobre custos e o esclarecimento de que a participação é voluntária e que os inscritos poderiam desistir a qualquer momento sem ônus para eles.

Após aceite dos termos dispostos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, os participantes puderam prosseguir para os demais passos da pesquisa. Para responder aos questionários *online* cada participante precisou dispor de um tempo médio de 55 minutos.

Todos os *links* necessários para participar desse estudo foram enviados de forma individual aos interessados. São considerados interessados aqueles que se manifestaram através dos meios pelos quais receberam o convite para participação. Não foram

utilizadas listas que permitissem a identificação dos participantes, e, salienta-se que todos os dados de contatos, obtidos a partir da inscrição, foram arquivados em sigilo pela pesquisadora.

O casal que manifestou interesse em participar da pesquisa recebeu um *link*, enviado pela pesquisadora ou pelo pesquisador em iniciação científica em psicologia², no qual clicaram para ter acesso ao TCLE. Foi enfatizada a importância de o participante manter uma cópia desse documento guardado em seus arquivos.

Mediante aceite em participar da pesquisa, cada participante (membro do relacionamento) foi direcionado para uma nova página *online*, contendo o *Questionário de Admissão* para ser preenchido. Após conclusão do preenchimento, o participante foi informado a aguardar o contato da pesquisadora, bem como sobre os procedimentos referentes ao sigilo dos dados informados.

Os casais devidamente inscritos foram convidados pela pesquisadora [ou pelo pesquisador em iniciação científica] para acessarem os *links* dos questionários autoaplicáveis (Questionário de Avaliação da Correspondência entre Frequência e Forma de Expressão e Demonstração do Amor e Escala de Avaliação dos Elementos do Relacionamento do Casal), que foram enviados separadamente nos dias e hora previamente agendados com cada participante.

O primeiro contato da pesquisadora com cada membro do casal se deu somente para agendamento de dia e hora que estes poderiam enviar os *links* dos questionários a serem respondidos para a coleta dos dados principais: qualidade do relacionamento e correspondência verbal-verbal. Os *links para* cada participante foram enviados para os meios de contato que os participantes disponibilizaram no *Questionário de Admissão* (Apêndice B).

² Fez-se necessário o auxílio de um pesquisador em iniciação científica, selecionado e treinado na condução das etapas do estudo.

O agendamento de dia e hora se fez necessário para reduzir a probabilidade de troca de informações entre os membros do casal. A pesquisadora informou verbalmente a cada participante a importância do sigilo entre o casal no que se refere às respostas oferecidas por eles durante a aplicação da escala e do questionário, foi enfatizado que qualquer troca de informações entre eles poderia influenciar positiva ou negativamente nos resultados do estudo.

Para garantir o sigilo, fez-se necessário que o participante respondesse “Sim” para as seguintes informações que constaram no cabeçalho do Questionário de Avaliação da Correspondência entre Frequência e Forma de Expressão e Demonstração do Amor: (a) Estou neste momento longe do meu parceiro?; (b) Concordo em responder sozinho(o) a todos os instrumentos deste estudo?; (c) Concordo em não compartilhar minhas respostas com meu(minha) parceiro(a) durante ou logo após responder aos instrumentos, quando ele(a) ainda não tenha respondido?

3.4 Procedimentos para análise dos dados

As análises dos dados foram realizadas com o auxílio dos softwares de análise estatística *Statistical Package for the Social Sciences* -SPSS®, versão 26.0 para Windows 10 (IBM, Munich, Germany) e GraphPad Prism®, versão 7.0 para Windows (GraphPad® Software Inc.), este último apenas para elaboração dos gráficos presentes nesse estudo.

Foi realizado teste de Kolmogorov-Smirnov para avaliar a normalidade dos dados contínuos. A correlação de Spearman, por sua vez, foi executada para verificar a correlação entre os escores da *Escala de Avaliação dos Elementos do Relacionamento do Casal* e os escores da Parte A e os escores da Parte B do *Questionário de Avaliação da Correspondência entre Frequência e Formas de Expressão e Demonstração do Amor*. Além disso, também foi verificada a correlação entre os escores da Parte A e

Parte B com o teste de Correlação de Pearson. Para todos os testes foi considerada significância de 5% ($p < 0,05$).

4. Resultados

Obteve-se respostas de 35 casais, cujo perfil sociodemográfico é demonstrado na Tabela 1. A amostra total (N=71) foi composta por casais entre 18 e 80 anos de idade. A maioria dos participantes (N=33) tinha idade entre 18 e 30 anos; média de tempo de relacionamento de 12,7 anos, um mínimo de 9 meses e um máximo de 53 anos. Três eram de 01 “trisal” composto por 2 membros que estão juntos há 10 anos e 1 membro que integrou no relacionamento há 9 meses.

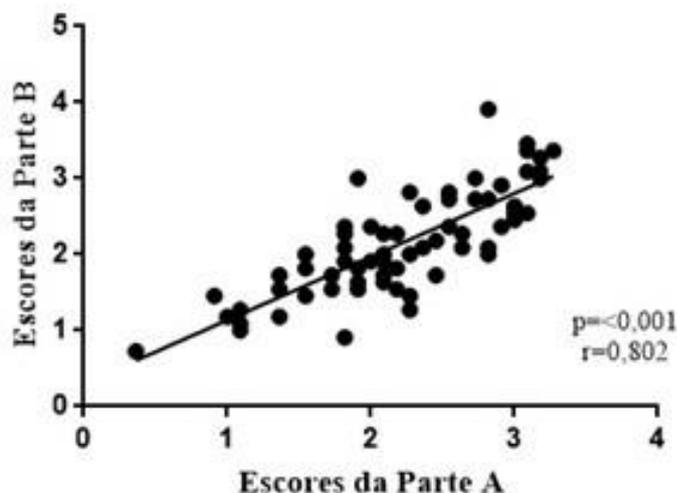
Tabela 1. Caracterização sociodemográfica dos participantes (N=71).

| Variáveis | N (N=71) | Variáveis | N (N=71) |
|---------------------|----------|--------------------------------|----------|
| Sexo | | Estado Civil | |
| Feminino | 34 | Solteiro | 15 |
| Masculino | 37 | Casado | 56 |
| Idade | | Tempo de Relacionamento | |
| 18 a 30 anos | 33 | 0 a 5 anos | 21 |
| 31 a 50 anos | 27 | 6 a 15 anos | 33 |
| 51 a 60 anos | 6 | 16 a 30 anos | 9 |
| > 60 anos | 5 | > 31 anos | 8 |
| Escolaridade | | Tempo Morando Juntos | |
| Ensino Fundamental | 1 | 0 a 5 anos | 41 |
| Ensino Médio | 27 | 6 a 15 anos | 13 |
| Ensino Superior | 15 | 16 a 30 anos | 11 |
| Pós-Graduação | 28 | > 31 anos | 6 |

Para avaliar a hipótese de relação entre a correspondência verbal-verbal autopercebida e a correspondência percebida no outro (Parte A e Parte B) do *Questionário de Avaliação da Correspondência entre Frequência e Formas de*

Expressão e Demonstração do Amor foi realizado o teste de correlação de Pearson para indicar a correlação entre Parte A e Parte B. O teste revelou uma correlação positiva ($p < 0,001$ e $r = 0,802$), como apresentado na Figura 1 abaixo:

Figura 1. Gráfico de dispersão entre os escores da Parte A e Parte B do Questionário de Avaliação da Correspondência.



Os escores da qualidade do relacionamento conjugal obtidos por meio da *Escala de Avaliação dos Elementos do Relacionamento do Casal* foram calculados a partir da soma da pontuação total de cada membro do casal, dividido pela quantidade de membros que compõe o relacionamento (casal = 2 membros; “trisal” = 3 membros), obtendo-se um score médio final. Quanto mais próximo a 49,00 melhor a qualidade do relacionamento.

Do total de 35 casais, 26 deles apresentaram o escore da qualidade de relacionamento acima de 40,00. Os casais com melhor qualidade foram o 7 (48,00) com 7 anos de relacionamento e o 20 (48,00) com 40 anos de relacionamento; o com pior foi o 22 (27,50) com 13 anos de relacionamento. Para verificar a correlação entre qualidade

do relacionamento e correspondência (comunicação) entre os parceiros, foi realizada o teste de correlação de Spearman.

Nesse sentido, foi encontrada correlação positiva entre escores da Escala de Avaliação dos Elementos do Casal (qualidade) e Parte A do Questionário de Avaliação da Correspondência ($p < 0,009$ e $r = 0,307$) e os escores da Escala de Avaliação dos Elementos do Casal (qualidade) e Parte B do Questionário de Avaliação da Correspondência ($p < 0,011$ e $r = 0,300$). Os resultados da correlação de Spearman estão apresentados nas Figura 2 e 3 a seguir:

Figura 2. Gráfico de Dispersão entre as variáveis: Escores da Qualidade e Parte A da Correspondência.

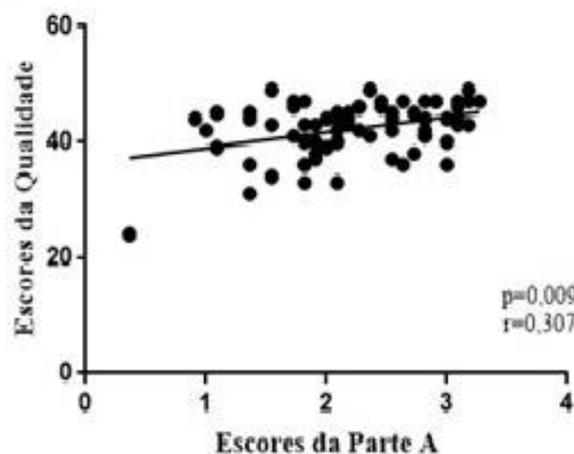
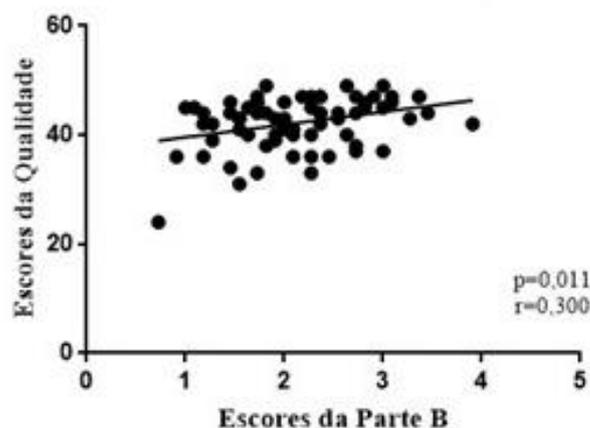


Figura 3. Gráfico de Dispersão entre as variáveis: Escores da Qualidade e Parte B da Correspondência.



Quanto às formas de demonstração do amor encontradas na pesquisa, percebe-se que 42,3% dos participantes responderam que o(a) parceiro(a) sempre faz contato visual enquanto diz “eu te amo”; 33,8% responderam que o(a) parceiro(a) sempre está próximo ao dizer “eu te amo”; 29,6% que o(a) parceiro(a) sempre faz expressões com o rosto enquanto diz “eu te amo” e 26,8% assinalaram que o(a) parceiro(a) sempre está de frente quando diz “eu te amo”.

Dos dados obtidos, 38% assinalaram que às vezes o(a) parceiro(a) usa acessórios que agradam o outro enquanto dizem “eu te amo” e 26,8% responderam que o(a) parceiro(a) nunca balança a cabeça afirmativamente enquanto dizem “eu te amo”, essa mesma porcentagem foi obtida para a opção de nunca o(a) parceiro(a) busca formas de mudar as dimensões físicas do corpo.

Verificou-se a frequência do comportamento verbal sonoro “eu te amo” em 71,9% dos participantes, que assinalaram escutar “sempre” ou “muitas vezes”, com as respostas que indicam ocorrer “raramente” e “às vezes” apareceu 25,3%. Dois dos participantes relataram nunca ter escutado “eu te amo” do(a) parceiro(a), o que corresponde a uma porcentagem de 2,8%.

A partir da observação dos resultados apresentados, pode-se afirmar que os casais percebem como mais relevante para a correspondência verbal-verbal: contato visual e dizer “eu te amo” seguida de estar próximo ao parceiro(a) e dizer “eu te amo”, fazer expressões com o rosto e dizer “eu te amo” e estar em frente ao parceiro(a) e dizer “eu te amo”. Vale ressaltar que apenas 2 participantes responderam que nunca ouvem “eu te amo” e, no entanto, assinalaram uma ou mais das expressões que percebem no parceiro enquanto escutam “eu te amo”.

5. Discussão

Os resultados obtidos neste estudo permitem afirmar que a correspondência verbal-verbal é influenciada pela qualidade do relacionamento. Especificamente: (a) a forma do comportamento verbal óptico de demonstração do amor entre os membros do casal variou entre contato visual, fazer gestos, balançar a cabeça afirmativamente, posicionar-se próximo ao parceiro(a), posicionar-se frontalmente ao parceiro(a), usar vestimentas que agradam ao parceiro(a), usar acessórios que agradam ao parceiro(a), mudar dimensões físicas do corpo e fazer expressões faciais. Entretanto, o contato visual se sobressaiu; (b) existe correlação entre o comportamento verbal vocal que produz o estímulo sonoro “eu te amo” e o comportamento verbal óptico, mais especificamente, o contato visual, visto que este apareceu em maior frequência dentre as formas de demonstração do amor; (c) a qualidade dos relacionamentos foi avaliada como “boa” ou “muito boa” pela maioria dos participantes; e, por fim, (d) a correspondência verbal sonora (“eu te amo”) e verbal óptica (demonstração do amor) no repertório dos membros do casal ocorreu, e ela se relacionou com a qualidade do relacionamento conjugal.

Quanto à percepção e à autopercepção da correspondência verbal-verbal, os resultados demonstraram que: a) há correlação positiva entre a autopercepção de correspondência verbal-verbal na comunicação do amor e a percepção dessa mesma correspondência no repertório verbal do outro cônjuge ($p < 0,001$ e $r = 0,802$); e b) a autopercepção e a percepção do outro sobre a correspondência verbal-verbal na comunicação do amor se correlacionam positivamente com a qualidade do relacionamento ($p < 0,001$ e $r = 0,802$). Estes resultados implicam afirmar que quanto mais um membro do casal discrimina essa correspondência em seu próprio comportamento comunicativo do amor, mais ele discrimina essa mesma correspondência no comportamento verbal outro membro. Por conseguinte, também significa que quanto mais um membro do casal auto-observa e observa no outro essa correspondência, maior a avaliação positiva (qualidade percebida) do relacionamento. Tanto na Parte A e B do Questionário da Avaliação da Correspondência (percebida e autopercebida), quanto na Escala da Avaliação dos Elementos do Relacionamento do Casal, a qualidade do relacionamento se correlacionou com a comunicação do amor, mostrando que os parceiros observaram correspondência verbal-verbal entre si e relataram, a partir do questionário, que isso afetou positivamente a qualidade do relacionamento.

Quanto à comunicação conjugal positiva, os dados do presente estudo corroboram os de Markman et al. (2010). Para eles, esse tipo de comunicação entre o casal tem um papel importante para a efetividade da resolução de conflitos, uma vez que ela pressupõe a habilidade de negociação entre os membros do relacionamento. Silva e Vandenberghe (2008) relatam que um dos pré-requisitos para uma boa negociação é uma comunicação eficaz.

A presente pesquisa mostrou que a maioria dos participantes avaliaram como positiva a qualidade de seus relacionamentos, o que permite pressupor que há uma boa comunicação entre eles como casal, e como consequência, que existe habilidade de negociação conjugal – corroborando com o estudo de Mosmann et al. (2006). A comunicação entre o casal apresenta um importante papel para a resolução de conflitos, uma vez que é por meio dela que o casal pode chegar a uma solução consensual (Markman et al., 2006).

A forma como se dá essa comunicação, como afirmam Costa et al. (2017), também é relevante porque tanto o que é visto quanto o que é ouvido – a correspondência verbal-verbal – é levado em conta pelos cônjuges durante a comunicação e isso é evidente nos resultados encontrados nesse estudo. As formas de demonstração do amor (contato visual, proximidade do corpo, expressões com o rosto e gestos) foram tidas pelos participantes como mais relevantes quando vistas juntas com a expressão dita (“eu te amo”) em comparação com a expressão do “eu te amo” isolada, ou seja, sem nenhuma demonstração (estímulo óptico) que confirme o que está sendo dito. Isso confirma o que Baum (2006) destacou: os estímulos sonoros e ópticos produzidos pelo falante são os estímulos discriminativos mais importantes na modulação da função comunicativa do seu comportamento verbal.

Sabatelli et al. (1986) avaliaram a acurácia da comunicação “não verbal” entre casais (as aspas são para informar que eles consideraram comportamentos que seriam verbais em uma análise comportamental, como a expressão facial; Balbi Neto, 2017) e concluíram que a variância na acurácia da comunicação afeta o relacionamento e, conseqüentemente, as reclamações conjugais. Se acurácia for entendida como correspondência (e.g., entre respostas), o estudo de Sabatelli et al. (1986) já afirmara o que o presente estudo demonstrou em termos comportamentais: quanto maior a

correspondência verbal-verbal na comunicação do amor, maior a satisfação com o casamento (e, arrisca-se dizer, porque não foi avaliado por este estudo, menor a quantidade de reclamações conjugais).

A correspondência verbal-verbal é percebida e autopercebida em episódios verbais (Skinner, 1957) nos quais os cônjuges alternam os papéis de falante e ouvinte na emissão e na compreensão de respostas de expressão e demonstração de amor. Assim como evidenciado por este estudo, quanto maior a emissão de respostas de comunicação em correspondência, maior é a qualidade do relacionamento, confirmando também as conclusões dos estudos de Mosmann et al. (2006) e Costa et al. (2017).

Na síntese dessas conclusões, a comunicação em correspondência talvez defina a boa comunicação, pois ela está relacionada com a habilidade de negociação do casal que, por sua vez, está relacionada com as consequências positivas dessa negociação, levando o casal a avaliar seu relacionamento como positivo, como demonstrado por este estudo. Especula-se que comunicação com ausência ou com baixa frequência de correspondência defina a comunicação ruim e a aversividade e insatisfação do relacionamento (Londero-Santos et al., 2021).

Skinner (1987) aponta que o desamor seria um outro nome para a extinção ou o controle aversivo no casamento. Quando a correspondência entre repertórios comunicativos (expressão e demonstração) está ausente, essa ausência é uma condição aversiva para o ouvinte, como alertou Lloyd (2002). Na mesma linha argumentativa, Perez (2017) pontuou que isto aumenta o conflito falante-ouvinte que, no casamento, são os conhecidos conflitos conjugais (as “reclamações” citadas por Sabatelli et al., 1986) dos quais soluções são buscadas pelos casais na psicoterapia (Pergher, 2010).

Segundo a taxonomia de Balbi Neto (2016), do ponto de vista do ouvinte, deixa de haver correspondência verbal-verbal quando o que é comunicado (demonstrado) em

uma forma verbal óptica (e.g. gestos, expressão com o rosto) e o que é comunicado (expresso) em uma forma verbal vocal (“eu te amo”) pelo falante não estabelecem reciprocidade. A reciprocidade na comunicação “não verbal” entre casais foi definida por Sabatelli et al. (1986) como “mandar bem” uma mensagem, quando, numa relação positiva, os membros são correspondentes (“João manda bem para Maria e Maria manda bem para João”, p. 516) e, no estudo deles, sua falta se relacionou com reclamações conjugais. No presente estudo, pode-se dizer que cada membro do casal “manda bem” na comunicação do amor quando emite respostas amorosas com formas diferentes e em reciprocidade, ou seja, em correspondência. A maioria dos membros dos casais participantes que relataram satisfação conjugal, mostraram se sentir amados pelo(a) parceiro(a) e indicaram que o(a) parceiro(a) demonstrava de alguma forma esse amor (e.g. fazendo contato visual, expressão com o rosto, gestos).

Apesar de não ter sido captado pelo instrumento usado no presente estudo, os resultados encontrados reforçam que sentimentos eliciados pela contingência oposta ao amor, seja a ausência de reforço positivo (Skinner, 1987), seja a presença de controle aversivo, o modo de perceber o que é expressado e demonstrado irá apresentar alguma propriedade aversiva, como as muitas formas de punição, negligência ou indiferença relacional que tornam o casamento um ambiente invalidante, muitas vezes uma generalização de práticas abusivas aprendidas em práticas parentais também invalidantes (Musser et al., 2018). A recorrência desse tipo de contingência conjugal tenderá a manter, tanto em quem percebe o expressado e demonstrado quanto em quem o expressa e demonstra, uma percepção negativa sobre o relacionamento. Tal tendência reforça os estudos de Mosmann et al. (2006) e Markman et al. (2006) quando concluíram que o fator de risco mais forte para o divórcio é a comunicação negativa, que tende a ser superenfaticada pelos membros do casal por estar associada com

experiências dolorosas vivenciadas em relacionamentos anteriores ou na história conjugal.

No presente estudo, a maioria dos casais apontaram boa qualidade e boa comunicação entre eles, o que justifica os resultados encontrados, sobre a correlação positiva entre (auto)percepção de correspondência verbal-verbal e qualidade do casamento. Esta associação foi evidenciada também no estudo de Wilkins e Gareis (2006), que demonstrou que o compromisso mútuo entre cônjuges é positivamente correlacionado com a qualidade do casamento e com as expressões de amor, que precisam ser congruentes entre si. Entretanto Wilkins e Gareis (2006) não especificaram essas expressões como este estudo especificou: como modalidades de respostas verbais de comunicação do amor.

Quanto aos dados obtidos na escala de qualidade, dos 34 casais e 01 “trisal”, 23 responderam no aspecto comunicação, como “boa” ou “muito boa”, e em que os mesmos parceiros que avaliaram como “bom” ou “muito bom” o aspecto comunicação, o escore total médio da qualidade do relacionamento conjugal resultou como “bom” ou “muito bom”. No que concerne especificamente ao “trisal”, um ponto interessante a ser analisado é que dois parceiros avaliaram como “boa” ou “muito boa” a comunicação entre os três; e um deles a avaliou como “regular”. No entanto, a avaliação dos dois que avaliaram de forma positiva a comunicação, fez subir o escore médio da qualidade do relacionamento entre eles. O que pode sugerir que, estatisticamente, o resultado “conjugal” da avaliação da *Escala de Avaliação dos Elementos do Relacionamento do Casal* é o mesmo, independentemente do número de integrantes do casal. Ou seja, os dados sugerem que existe correlação entre uma boa comunicação e uma boa qualidade do relacionamento conjugal, entretanto, esta sugestão precisa ser mais bem avaliada em

“triais”, em função de haver apenas um relacionamento assim com membros como participantes deste estudo.

Verificou-se que, quanto à relação entre qualidade do relacionamento e comunicação entre os parceiros do “trisal”, a variável tempo não foi um fator de alteração na avaliação dessa qualidade. Um dos parceiros do “trisal”, o que classificou como “regular” o aspecto comunicação, já se relacionava há mais tempo com o terceiro membro do “trisal”, que classificou como “bom” ou “muito bom” a qualidade do relacionamento, contrariando os resultados encontrados por Wallace (2019), que visou entender os aspectos da comunicação na negociação de regras e limites nos relacionamentos poliamorosos. Todavia, há que se considerar novamente que a amostra continha apenas um “trisal” e, portanto, não foi representativa desta forma de relacionamento conjugal.

Alguns membros dos casais participantes, após já terem respondido a pesquisa, relataram à pesquisadora através do WhatsApp que se sentem amados pelo(a) seu(a) parceiro(a), mesmo sem que esse lhe diga “eu te amo” com frequência. Alguns descreveram respostas do(a) parceiro(a), por exemplo, “abrir o portão quando percebe que o cônjuge está com as mãos ocupadas para fazê-lo”, como produtoras de estímulos evocadores do sentir-se amado(a). Esse tipo de relato apareceu com mais frequência em membros de casais com mais tempo de relacionamento, em geral de 10 anos ou mais. Estes dados, de caráter qualitativo, podem sugerir que o presente estudo captou de modo diferente o modo como Luz e Mosmann (2018) descreveram a influência do tempo do relacionamento conjugal na comunicação entre o casal. Para Luz e Mosmann (2018), em seu estudo, a comunicação negativa teve relação com o tempo de casamento, sendo mais problemática nos primeiros anos da união. Ao longo do tempo do relacionamento ela reaparece quando, entretanto, o casal também vai aprimorando suas habilidades de

ajustamento diante das demandas da parceria no ciclo vital de cada parceiro. Caso esse aprimoramento não ocorra, essas demandas podem evocar a comunicação negativa.

A partir deste estudo, percebe-se que a emissão do comportamento verbal vocal “eu te amo” por um ou outro membro do casal não se mostrou relevante para os resultados nele obtido (a correlação positiva entre boa qualidade do relacionamento e boa comunicação entre os membros do casal). Apesar de todos os participantes formarem casais brasileiros, a expressão vocal de amor “eu te amo” varia muito no aspecto cultural, entretanto não foi encontrado estudo sobre essa expressão no Brasil.

Uma etnografia preliminar de sua emissão na cultura americana (Lang et al., 2015) apontou seu controle por contingências relacionais diversificadas, ocorrendo em momentos diferentes e, conseqüentemente, tendo significados diferentes para falantes e ouvintes. Esta variação cultural foi discutida recentemente por Andrades et al. (2021) em uma análise crítica de instrumentos que avaliam a qualidade do casamento e a forma como os casais conceituam essa qualidade. No caso dos instrumentos americanos, concluíram as autoras, alguns temas são mais valorizados do que outros, o que pode enviesar culturalmente os estudos sobre expressão e demonstração do amor que os utilizem (Andrades et al., 2021).

A pouca relevância do “eu te amo” entre os casais do presente estudo pode se dever ao fato de que as formas de comunicação do amor mais relevante entre as díades conjugais não tenha sido as de *expressão* (dizer “eu te amo”) e sim as de *demonstração*, considerando sua diferenciação feita por Baum (2006). O contato visual se sobressaiu como a forma mais frequente de demonstração do amor entre a amostra de casais brasileiros do presente estudo, conforme melhor discutido adiante. Logo, a qualidade do relacionamento pareceu estar dependente de uma melhora na comunicação entre os parceiros que não necessariamente de uma expressão do amor pela forma vocal “eu te

amo”. Portanto, todas as formas de consequenciação do comportamento por reforço positivo (Skinner, 1987) podem comunicar amor entre os casais.

O presente estudo permite apontar, portanto, que a comunicação é um fator importante, na terminologia de Skinner (1957), na expressão de relações verbais especialmente de tato (sentimentos relacionados a estados corporais) e de mandos (vontades, desejos, necessidades definidoras de estados corporais) dos membros do casal, o que ajuda no entendimento e habilidade de negociação para resolução de conflitos. Isto indica se há qualidade conjugal e se ela está correlacionada com a boa comunicação.

Entendida a boa comunicação como correspondência verbal-verbal percebida e autopercebida, pode-se afirmar que os resultados deste estudo reafirmam os resultados dos estudos de Markman et al. (2010) sobre a comunicação como um preditor de situações aversivas para o casal (Londero-Santos et al., 2021). Os casais que se apresentaram como não angustiados também mostraram diminuição na comunicação negativa ao longo do tempo, sugerindo que eles estão lidando melhor com as emoções negativas, em consonância com o estudo de Londero-Santos et al., (2021).

Dado que o escore total médio da qualidade do relacionamento conjugal dos participantes do presente estudo resultou como “bom” ou “muito bom”, e que a maioria deles “manda bem” (Sabatelli et al., 1986) na comunicação do amor por emitirem respostas amorosas em correspondência, pode-se arriscar afirmar que no período de coleta desses dados este era um preditor da manutenção do relacionamento independentemente de os cônjuges dizerem “eu te amo” com muita frequência, o que foi observado neste estudo que pode variar conforme a duração da união.

Em relação à amostra dos 08 casais com mais tempo de relacionamento, ou seja, com mais de 20 anos, a resposta mais encontrada foi de “às vezes ouço eu te amo”. No

que concerne aos casais mais jovens, ou seja, com menos de 20 anos de relacionamento, a resposta mais encontrada foi de “sempre ouço eu te amo”, ou “muitas vezes ouço eu te amo”.

A baixa frequência do ouvir “eu te amo” não influenciou de forma negativa na qualidade do relacionamento avaliada pelos membros dos casais e do “trisal”. Todos avaliaram essa qualidade como “boa”, com exceção, de um casal de 30 anos de relacionamento e outro, de 8 anos de relacionamento. Ambos avaliaram a qualidade como média, apesar de terem respondido que “sempre” e “muitas vezes” falam para o parceiro “eu te amo” e escutam o mesmo verbal-vocal emitido por ele. Tal dado denota que o(a) parceiro(a) se sente amado pelas formas de demonstração do amor do outro, mesmo que não escute “eu te amo”, e ou que tenha ouvido “eu te amo” ao menos uma vez durante o relacionamento. Porém, a ausência ou raridade deste comportamento não impediu o controle do se sentir amado, o que também demonstra a força positiva das formas de demonstrar o amor.

Avançando na análise dos deste estudo, houve variação nas formas de *demonstração* do comportamento verbal óptico, segundo a taxonomia do contexto por Balbi Neto (2016), analisadas pelo Questionário de Avaliação da Correspondência entre Frequência e Forma da Expressão e Demonstração do Amor (anexo D). As formas que apareceram com maior frequência entre os parceiros foram: a) contato visual acompanhado de escutar “eu te amo do(a) parceiro(a); b) se posicionar fisicamente próximo ao parceiro(a); c) expressões com o rosto; d) posicionar-se frontalmente e e) usar vestimentas que agradam ao outro. O uso de acessórios, balançar a cabeça afirmativamente, fazer gestos e a tentativa de alterar as dimensões físicas do corpo parecem ser irrelevantes segundo as respostas dos participantes, demonstrando que se houver é bom, mas se não houver tudo bem, contando que haja correspondência entre o

“eu te amo” dito e o comportamento verbal óptico de maior relevância para o(a) parceiro(a).

No presente estudo, o verbal óptico de maior relevância foi o “contato visual”, por apresentar a maior porcentagem entre as formas de demonstração do amor. Ele pode ser função de elemento que atribui mais veracidade ou acurácia da afirmação “eu te amo”. Isto reafirmando, a partir de uma relação conjugal, o que disse Balbi Neto (2016) sobre a expressão verbal de sentimentos em quaisquer relações humanas. Ela está na emissão de diferentes formas verbais: falar, olhar, posicionar o corpo, gesticular etc. No efeito de comunicar ao outro atitudes e sentimentos na relação, eles podem ser considerados como uma classe operante verbal, típica do comportamento humano complexo (Barnes-Holmes & Barnes-Holmes, 2000).

Os operantes verbais ópticos, os que produzem estímulos que podem ser vistos, por exemplo, fazer contato visual, posicionar-se próximo ou frontalmente ao parceiro(a) e podem gerar no outro a compreensão e a verdade do amor (a mesma a ser gerada pelo verbal vocal “eu te amo”). O olhar é verbalmente classificado como um comunicar corporal cinésico ocular (Balbi Neto, 2016), o direcionamento do olhar, e sua consequência sobre o ouvinte é a compreensão de ele(a) estar sendo visto(a) com atenção, sinalizando sentimento de apreciação de quem é visto por quem vê. Adicional à direção do olhar está o movimento da pupila, controlado, além da luz, por operações motivacionais e estados emocionais (Caballo, 2003). Atenção, apreciação e motivação do falante na comunicação conjugal podem ser reforçadores que explicam a alta frequência do olhar como comportamento verbal em maior correspondência com o “eu te amo” (42,3%) entre os casais participantes deste estudo.

O movimentar os músculos faciais foi um dos verbais ópticos que também apresentaram maior porcentagem neste estudo e isto é significativo, de acordo com as

quatro funções da expressão facial na comunicação humana (Argyle, 1969 apud Caballo, 2003). Postas estas funções nos dados do presente estudo, e ditas nos termos de Skinner (1957), pode-se afirmar que, na demonstração facial do amor entre casais, o estímulo óptico gerado: (1) funciona como estímulo verbal mais próximo do estímulo não verbal para o tato do estado emocional do amor sentido pelo cônjuge, mesmo nos momentos de discrição social, em que ele(a) se esquivaria de outros ouvintes perceberem que esse estado está sendo tateado e comunicado; (2) funciona no controle da mediação do reforço do cônjuge ouvinte ao estado emocional do cônjuge falante (o feedback contínuo do reforço positivo que define o amor; Skinner 1987); (3) funciona como estímulo discriminativo de sentimentos de apreciação do que é sentido mutuamente na relação (“atitude favorável”), pelo qual terceiros da comunidade verbal tateiam o casal como “combinando entre si”; e (4) funciona em co-ocorrência com outras formas verbais afirmando suas funções na correspondência ou negando-as na não correspondência.

6. Conclusão Geral

Este estudo teve o objetivo geral de descrever se a qualidade do relacionamento conjugal sofre influência positiva quando há correspondência verbal-verbal na comunicação entre o casal. De modo amplo, o resultado corroborou a hipótese de que existe correlação positiva entre boa comunicação e boa qualidade do relacionamento, conforme pressuposto por Cortez et al. (2019), que discutiram que a acurácia da relação dizer-fazer [expressar-demonstrar] (Baum, 1999) são afetadas por quem está presente no momento do dizer. A correspondência verbal-verbal (expressar-demonstrar) depende da interação falante-ouvinte e o presente estudo apontou essa correspondência, (auto)percebida nessa interação, está relacionada com a qualidade do relacionamento conjugal, o que reafirma a conclusão de Cortez et al. (2019) de que a qualidade do relacionamento conjugal depende dessa correspondência.

A correspondência entre formas de comportamento é uma propriedade da comunicação efetiva, segundo Wechsler e Amaral (2009), e o estudo mostrou a qualidade do relacionamento conjugal atrelada a esta correspondência. Ficou evidenciada entre o comportamento verbal vocal que produz o estímulo verbal sonoro “eu te amo” e o comportamento verbal que produz estímulo verbal óptico.

Membros dos casais participantes deste estudo que apontaram se sentir amado ao ouvir “eu te amo” do seu cônjuge afirmaram que esse estímulo sonoro estava sempre associado com estímulos ópticos vistos na demonstração do amor. A respeito disso, verifica-se que o contato visual teve maior frequência – em 42,3% das respostas obtidas. Além do contato visual, as demais formas do comportamento verbal óptico de demonstração do amor entre os membros do casal foram: expressões com o rosto, gestos, proximidade física ao cônjuge, modificar as dimensões físicas do corpo,

posicionar-se frontalmente ao cônjuge e utilizar roupas/acessórios agradáveis ao cônjuge.

Foi possível concluir ainda que existe influência da variável “tempo” na frequência do comportamento verbal vocal que produz o estímulo verbal sonoro “eu te amo”, mas que ela foi inversamente proporcional à qualidade do relacionamento. A maioria dos casais participantes da pesquisa com mais de 20 anos responderam ouvir “eu te amo” com menos frequência e ainda assim assinalaram uma boa qualidade no relacionamento. Portanto, quanto maior o tempo de relacionamento, menos frequente os membros do casal dizerem “eu te amo” um para o outro, sem que isso interfira na boa qualidade do relacionamento.

7. Considerações Finais

Este estudo possibilitou muita aprendizagem dentre as muitas dificuldades ocorridas no percurso da sua execução e conclusão. Dentre as aprendizagens, destaco a amplitude de conhecimento que possibilitou este estudo, tanto em relação aos casais participantes quanto em relação às literaturas consultadas. Identifica-se a riqueza da Análise do Comportamento, suas diversas possibilidades de aplicação, em especial, a das pesquisas do comportamento verbal, que proporcionou por meio da análise e dos estudos citados anteriormente, identificar as dificuldades de comunicação entre os parceiros de um relacionamento conjugal.

A principal dificuldade encontrada no decorrer deste estudo foi a pouca quantidade de referências bibliográficas publicadas recentemente sobre correspondência verbal-verbal. Uma limitação importante deste estudo a ser destacada aponta para a necessidade de confirmar algumas das informações sobre os casais, pois alguns apresentaram respostas divergentes entre os membros, principalmente quanto ao tempo

de relacionamento e ao tempo em que moram juntos. A variável tempo precisa ser mais bem estudada em futuras pesquisas, para inferir se o tempo de relacionamento realmente não influencia na boa comunicação e, conseqüentemente, na boa qualidade do relacionamento, ou se é um fator de pesquisa a ser analisado isoladamente.

Referências

- Balbi Neto, R. R. Q. (2016). *Comunicação e linguagem nas relações interpessoais: conceitos e métodos comportamentais no estudo do autoclítico lexical*. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal do Espírito Santo.
<http://repositorio.ufes.br/handle/10/9101>
- Barros, R. S. (2003). Uma introdução ao comportamento verbal. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5(1), 73-82.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452003000100008&lng=pt&tlng=pt
- Baum, W. M. (2006). Compreender o behaviorismo: ciência, comportamento e cultura (M. T. A. Silva, M. A. Matos, G. Y. Tomanari, E. Z. Tourinho, trads.) 2ª ed. Artmed.
- Beckert, M. E. (2005). Correspondência verbal/ não-verbal: pesquisa básica e aplicações na clínica. In J. Abreu-Rodrigues & M. R. Ribeiro (Orgs.). *Análise do comportamento: pesquisa, teoria e aplicação* (pp. 229-244). Porto Alegre: Artmed.
- Borloti, E., Fonseca, K. A., Charpinel, C. P., & Lira, K. M. (2009). Uma análise etimológico-funcional de nomes de sentimentos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 11(1), 77-95.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452009000100007&lng=pt&tlng=pt
- Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. Artes Médicas Sul. (Trabalho original publicado em 1998)

- Cervo, A. L., & Bervian, P. A. (1983). *Metodologia Científica: para uso dos estudantes universitários*. 3.ed. McGraw-Hill do Brasil.
- Contandriopoulos, A. P., Champagne, F., Potvin, L., Denis, J. O., & Boyle, P. (1994). *Saber preparar uma pesquisa*. Hucitec Abrasco.
- Cordova, J. V., Fleming, C. J. E., Morrill, M. I., Hawrilenko, M., Sollenberger, J. W., Harp, A. G., Gray, T. D., Darling, E. V., Blair, J. M., Meade, A. E., & Wachs, K. (2014). The Marriage Checkup: A randomized controlled trial of annual relationship health checkups. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 82(4), 592-604.
- Cortez, M. D., Miguel, C. F., & de Rose, J. C. (2019). O papel de diferentes audiências na acurácia do relato verbal de crianças. *Acta Comportamentalia*, 27, 389-405.
<https://www.redalyc.org/journal/2745/274561550008/html/>
- Costa, C. B. da, Delatorre, M. Z., Wagner, A., & Mosmann, C. P. (2017). Terapia de casal e estratégias de resolução de conflito: Uma revisão sistemática. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(1), 208–223. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000622016>
- Costa, C. B., & Mosmann, C. Pereira. (2020). Comunicación conyugal negativa y abierta: modelo interdependiente de efecto actor-compañero en el ajuste conyugal. *Ciencias Psicológicas*, 14(2), e-2283.
<https://doi.org/10.22235/cp.v14i2.2283>
- de Andrades, B. D. A., Delatorre, Z., M., & Wagner, A. (2021). Qualidade conjugal: paralelo entre a perspectiva de casais e instrumentos de medida. *Revista de Psicologia*, 39(2), 497-530. <http://dx.doi.org/10.18800/psico.202102.001>

- Delatorre, M. Z., & Wagner, A. (2021). A relação conjugal na perspectiva de casais. *Ciências Psicológicas*. <https://doi.org/10.22235/cp.v15i1.2355>
- Delatorre, M. Z., & Wagner, A. (2022). Construção e evidências de validade da escala de qualidade conjugal. *Psico-USF*, 27(1), 129–141. <https://doi.org/10.1590/1413-82712022270110>
- Doss, B. D., Cicila, L. N., Georgia, E. J., Roddy, M. K., Nowlan, K. M., Benson, L. A., & Christensen, A. (2016). A randomized controlled trial of the web-based OurRelationship program: Effects on relationship and individual functioning. *Journal of consulting and clinical psychology*, 84(4), 285. <https://doi.org/10.1037/ccp0000063>
- Greer, R. D., Pohl, P., Du, L., & Moschella, J. L. (2017). The separate development of children's listener and speaker behavior and the intercept as behavioral metamorphosis. *Journal of Behavioral and Brain Science*, 7, 674-704. <http://doi.org/10.4236/jbbs.2017.713045>
- Guedes, D., & Assunção, L. (2006). Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 6(2), 396-425. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v6n2/07.pdf>
- Guenzen, L. C., & Silveira, J.M. (2013). Intimidade na relação terapêutica: Uma caracterização da palavra por terapeutas analítico-comportamentais. *Psicologia Argumento*, 31 (74). <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20641>
- Guilhardi, J. H. (2008). Como a análise do comportamento define o amor? *Jornal Sinal Verde*, vol. 17. https://itrcampinas.com.br/jornal/dialogo_edicao23.html

Guilhardi, H. J. (2017). Interações amorosas sob uma perspectiva comportamental.

Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento.

<https://itrcampinas.com.br/txt/interacoesamorosas.pdf>

Haworth, K., Kanter, J. W., Tsai, M., Kuczynski, A. M., Rae, J. R., & Kohlenberg, R. J.

(2015). Reinforcement matters: A preliminary, laboratory-based component-process analysis of Functional Analytic Psychotherapy's model of social connection. *Journal of Contextual Behavioral Science*, 4, 281-291.

<http://doi.org/10.1016/j.jcbs.2015.08.003>

Hernandez, J. A. E., & Oliveira, I. M. B. (2003). Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(1), 58–69.

<https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000100009>

Inácio, A. L. M., Boruchovitch, E., & Bzuneck, J. A. (2021). Learning strategies assessment scale for high school (Eavap-em). *Psico-USF*, 26(spe), 33–44.

<https://doi.org/10.1590/1413-8271202126nesp05>

Israel A. C. (1978). Some thoughts on correspondence between saying and doing. *Journal of applied behavior analysis*, 11(2), 271–276.

<https://doi.org/10.1901/jaba.1978.11-271>

Lang, Y., Wang, L., Xie, C., & Chen, W. (2015). An Exploratory Study on the Use of I Love You'in the American Context. *International Journal of Society, Culture & Language*, 3(1), 28-46.

http://www.ijscel.net/article_8596_4e12fb1f6a3fbec1c2a963cf6f86d118.pdf

- Lattal, K. A., & Doepke, K. J. (2001). Correspondence as conditional stimulus control: Insights from experiments with pigeons. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 34(2), 127–144. <https://dx.doi.org/10.1901%2Fjaba.2001.34-127>
- Lloyd, K. E. (2002). A review of correspondence training: Suggestions for a revival. *The Behavior Analyst*, 25, 57-73. <https://dx.doi.org/10.1007%2Fbf03392045>
- Londero-Santos, A., Natividade, J. C., & Féres-Carneiro, T. (2021). Uma medida de satisfação com o relacionamento amoroso. *Revista Avaliação Psicológica*, 20(01). <https://doi.org/10.15689/ap.2021.2001.18901.02>
- Luz, S. K., & Mosmann, C. P. (2018). Funcionalidade e comunicação conjugal em diferentes etapas do ciclo de vida. *Revista da SPAGESP*, 19(1), 21-34. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702018000100003&lng=pt&tlng=pt
- Maitland, D. W. M., Kanter, J. W., Manbeck, K. M., & Kuczynski, A. M. (2017). Relationship-science informed clinically relevant behaviors in Functional Analytic Psychotherapy: The awareness, courage, and love model. *Journal of Contextual Behavioral Science*, 6(4), 347-359. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jcbs.2017.07.002>
- Markman, H. J., Rhoades, G. K., Stanley, S. M., Ragan, E. P., & Whitton, S. W. (2010). The premarital communication roots of marital distress and divorce: the first five years of marriage. *Journal of Family Psychology*, 24(3), 289-298. <https://doi.org/10.1037/a0019481>
- Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. (2007). Princípios básicos de análise do comportamento. Porto Alegre: Artmed.

Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 16(35), pp. 315-325.

<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000300003>

Musser, N., Zalewski, M., Stepp, S., & Lewis, J. (2018). A systematic review of negative parenting practices predicting borderline personality disorder: Are we measuring biosocial theory's "invalidating environment"? *Clinical Psychology Review*, 65, 1–16. DOI: [10.1016/j.cpr.2018.06.003](https://doi.org/10.1016/j.cpr.2018.06.003)

Pereira, D. C. de S., Camargo, V. S., & Aoyama, P. C. N. (2018). Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva*, 20(2), 10–25.

<https://doi.org/10.31505/rbtcc.v20i2.1026>

Perez, W. F. (2017). Explicações comportamentais da correspondência dizer-fazer. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 13(1), 16-28.

<http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v13i1.5260>

Pergher, N. K. (2010). Variáveis que devem ser consideradas na avaliação da qualidade do relacionamento conjugal. *Perspectivas em análise do comportamento*, 1(2), 116-129. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482010000200005&lng=pt&tlng=pt)

[35482010000200005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482010000200005&lng=pt&tlng=pt)

Porreca, W. (2019). Relação conjugal: Desafios e possibilidades do “nós”. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35(spe), e35nspe7. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe7>

Ramos, F. P. (2020). *Ajudando casais a se vincularem durante a pandemia de covid-19: uma intervenção baseada no modelo consciência, coragem e amor*. (Projeto de

pesquisa). Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Departamento de Psicologia, Vitória, ES, Brasil.

Ribeiro, A.F. (1989). Correspondence in children's self-report: Tacting and manding aspects. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 51, 361-367.

<https://doi.org/10.1901/jeab.1989.51-361>

Rizzon, A. L. C.; Mosmann, C. P.; & Wagner, A. (2013). A qualidade conjugal e os elementos do amor: um estudo correlacional. *Contextos Clínicos*, 6(1), 41-

49. <https://dx.doi.org/10.4013/ctc.2013.61.05>

Rogge, R. D., Fincham, F. D., Crasta, D., & Maniaci, M. R. (2017). Positive and negative evaluation of relationships: Development and validation of the Positive–

Negative Relationship Quality (PN-RQ) scale. *Psychological Assessment*, 29(8),

1028–1043. <https://doi.org/10.1037/pas0000392>

Sabatelli, R. M., Buck, R., & Kenny, D. A. (1986). A social relations analysis of nonverbal communication accuracy in married couples. *Journal of Personality*,

54(3), 513–527. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1986.tb00410.x>

Santaella, L., & Nöth, W. (2004). *Comunicação e semiótica*. São Paulo: Hacker.

Schaefer, M. T. & Olson, D. H. (1981). Assessing intimacy: The PAIR Inventory.

Journal of Marital and Family Therapy, 1, 47-60. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.1981.tb01351.x>

Selltiz, C., Wrightsman, L. S., & Cook, S. W. (1976). *Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais*. (Vol. 1). São Paulo: EPU.

- Silva, L. M. G.; Brasil, V. V.; Guimarães, H. C. Q. C. P.; Savonitti, B. H. R. A., & Silva, M. J. P. (2000). Comunicação não-verbal: reflexões acerca da linguagem corporal. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 8(4), 52-58.
<https://doi.org/10.1590/S0104-11692000000400008>
- Silva, L. P., & Vandenberghe, L. (2008) A importância do treino de comunicação na terapia comportamental de casal. *Psicologia em Estudo*, 13(1), pp. 161-168.
<https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000100019>
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1982). *Sobre o behaviorismo*. São Paulo: Cultrix.
- Skinner, B. F. (1987). *Walden II: uma sociedade do futuro* (1o ed). E.P.U.
- Skinner, B. F. (2006). *Questões recentes na análise comportamental*. 6ª Edição (Tradução de A. L. Neri). Cultrix. (trabalho original publicado em 1989)
- Smith, M. J. (2004). Process and Outcome evaluations. In: A.R. Roberts & K.R. Yeager. *Evidence-based Practice Manual: Research an Outcome Measures in Health and Human Services*. University Press.
- Tsai, M., Kohlenberg, R. J., Kanter, J. W., Kohlenberg, B., Follete, W. C., & Callaghan, G. M. (2011). *Um guia para a Psicoterapia Analítica Funcional (FAP): consciência, coragem, amor e behaviorismo* (F. Conte, & M. Z. Brandão, trads.). ESETEc (Obra publicada originalmente em 2009).
- Tsai, M., Yard, S. & Kohlenberg, R. J. (2014). Functional Analytic Psychotherapy: A behavioral relational approach to treatment. *Psychotherapy*, 51(3), 367-371. doi: <https://dx.doi.org/10.1037/a0036506>

- Wallace, M. (2019). *How Communication is Used in Polyamorous Relationships* (Doctoral dissertation, City University of Seattle).
<http://hdl.handle.net/20.500.11803/804>
- Wechsler, A. M., & Amaral, V. L. R. (2009). Correspondência verbal: uma revisão da literatura. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, *11*(2), 189-208. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452009000200002&lng=pt&tlng=pt
- Wechsler, A. M., & Amaral, V. L. A. R. (2009). Correspondência verbal: um panorama nacional e internacional das publicações. *Temas em Psicologia*, *17*(2), 437-447.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000200015&lng=pt&tlng=pt
- Wilkins, R., & Gareis, E. (2006). Emotion expression and the locution “I love you”: A cross-cultural study. *International Journal of Intercultural Relations*, *30*(1), 51–75.
<http://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2005.07.003>
- Worthington, E. L., Hight, T., Ripley, J. S., Perrone, K. M., Kurusu, T. A., & Jones, D. R. (1997). Strategic hope-focused relationship-enrichment counseling with individual couples. *Journal of Counseling Psychology*, *44*(4), 381-389.
<https://doi.org/10.1037/0022-0167.44.4.381>

Apêndices

Apêndice A



UFES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E DO DESENVOLVIMENTO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

Pesquisadora: Rayra Reinholz de Nazareth – Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Professor orientador: Dr. Elizeu Batista Borloti.

Contato: Rayra Reinholz de Nazareth - (27) 99971-4203

Identificação do Participante: _____

E-mail: _____

Data: _____

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Correspondência Entre Formas de Comunicação do Amor Conjugal e Qualidade do Relacionamento”. Este estudo busca descrever se a qualidade do relacionamento conjugal sofre influência positiva quando há correspondência verbal-verbal entre o casal (boa comunicação). Para tal fim, você será solicitado a responder três instrumentos: o Questionário de Admissão, a Escala de Avaliação dos Elementos do Relacionamento do Casal e o Questionário de Avaliação da Correspondência entre Frequência e Forma de Expressão e Demonstração do Amor. Ao todo você será convidado a participar de apenas dois momentos online, um para responder ao questionário com seus dados sociodemográficos e outro momento para responder aos instrumentos que coletarão os dados principais para este estudo, com, em média, 55 minutos de duração ao todo. Os links para o segundo momento serão enviados no dia e hora previamente agendados para a forma de contato que você preferir.

A sua participação neste estudo é voluntária. Os dados pessoais fornecidos por você de forma online serão mantidos em sigilo e apenas a pesquisadora responsável ou o pesquisador em iniciação científica, colaborador desse estudo, terão acesso.

A pesquisa será totalmente realizada no formato online, devido a pandemia mundial ocasionada pela Covid-19. Ela se servirá do aplicativo de gerenciamento de pesquisas, Google Forms e seguirá os critérios de pesquisas online do Ofício Circular N° 2/2021/CONEP/SECNS/MS da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa para, portanto, atingir seu objetivo.

Os possíveis riscos perante aos procedimentos utilizados na coleta de dados são: causar algum desconforto emocional e relacional em decorrência das perguntas feitas nas entrevistas estimularem o diálogo entre os cônjuges sobre temas conflitantes de seu relacionamento conjugal. A pesquisadora buscará tornar o ambiente acolhedor durante toda a pesquisa, de forma a minimizar os possíveis desconfortos emocionais, ademais, ressalta-se o não cruzamento de informações de qualquer espécie entre a pesquisadora e os casais, preservando-se, assim, a integralidade do sigilo.

Aos parceiros que apresentarem desconforto relacional significativo, será oferecida orientação psicológica direta em sessão única após a coleta e/ou encaminhamento para essa orientação, de acordo com o acesso dos parceiros às redes de cuidado pública ou privada.

Além dos riscos e benefícios relacionados a sua participação nessa pesquisa, você poderá estar sujeito aqueles riscos característicos do ambiente virtual, meios eletrônicos, ou atividades não presenciais, em função das limitações das tecnologias utilizadas e em função das limitações da pesquisadora em assegurar total confidencialidade e potencial riscos de sua violação.

Você poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, e a sua desistência ocasionará também na exclusão de seu(sua) parceiro(a) desse estudo, para evitar conflitos relacionais e para chegar ao objetivo proposto por esse estudo, o que com apenas um dos membros do relacionamento não é possível.

Justifica-se estudar esta temática, pois, explorar interações nos relacionamentos amorosos poderá proporcionar melhor conhecimento das funções conjugais implicadas e relacionadas com a qualidade do relacionamento conjugal, especialmente no que se refere às formas de *expressão* e *demonstração* do amor. Desta forma, os resultados deste estudo poderão gerar benefícios para a orientação, formulação e execução de novos métodos, programas e protocolos de atendimentos para casais que tenham questões relacionadas com a comunicação e qualidade do relacionamento conjugal.

Sua participação na pesquisa não será remunerada, e por ser realizada toda no formato online, no horário mais conveniente para você, não há previsão de gastos decorrentes de sua participação, no entanto, serão ressarcidos aos participantes as despesas que forem necessárias para a participação neste estudo. Além disso, há garantia ao direito de buscar indenização diante de eventuais danos decorrentes do estudo. A pesquisadora irá enviar para o e-mail do participante uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinada e rubricada em todas as páginas.

Em caso de dúvida e esclarecimento sobre o estudo, poderá ser feito contato com a pesquisadora responsável Rayra Reinholz de Nazareth, sob orientação do Prof. Dr. Elizeu B. Borloti, no seguinte endereço:

Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento. Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, CEP 29075- 210, Vitória – ES

Telefones para contato: 4009-2505 ou (27) 99971-4203.

E-mail: rayranazareth.neg@gmail.com

O Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos deverá ser acionado no caso de denúncia e/ou intercorrência na pesquisa, no seguinte endereço: UFES/Campus Goiabeiras; Pró- Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação; Campus Universitário de Goiabeiras, Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário (Prédio Administrativo do CCHN), Bairro: Goiabeiras, VITORIA-ES - CEP: 29.075-910 Telefone: 3145-9820- Email: cep.goiabeiras@gmail.com.

Após a leitura do presente Termo de Consentimento, declaro que entendi seu conteúdo e aceito participar da pesquisa, clicando em “Aceito” no botão abaixo:

- Aceito
- Não Aceito

Observação: O presente documento, baseado nos artigos 10 e 16 das Normas de Pesquisa em Saúde, do Conselho Nacional de Saúde, terá como forma de assinatura, o clique pelo candidato a participante no botão “Aceito”, em seguida, o mesmo terá a possibilidade de obter uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Apêndice B**QUESTIONÁRIO DE ADMISSÃO**

Todos os dados contidos nesse questionário serão mantidos em sigilo, podendo ser acessados somente pela pesquisadora responsável ou pelo pesquisador em iniciação científica em psicologia (colaborador deste estudo).

Nome completo: _____

Idade: _____

Telefone: () _____

Cidade de residência: _____

Endereço de email: _____

Nome do parceiro(a): _____

Endereço de email do parceiro(a): _____

Com qual gênero você se identifica? _____

Qual é o seu nível de escolaridade?

Ensino fundamental incompleto

Ensino fundamental completo

Ensino médio incompleto

Ensino médio completo

Ensino superior incompleto

Ensino superior completo

Pós-graduação

Assinale seu estado civil: Solteiro(a) Casado(a) Separado(a)

() Divorciado(a) () Viúvo(a)

Há quanto tempo no relacionamento atual (inclua o tempo total, em anos e meses, desde quando começaram a namorar até o momento presente)?

Há quanto tempo vocês moram juntos? _____

Apêndice C

Questionário de Avaliação da Correspondência Entre Frequência e Forma de Expressão e Demonstração do Amor

| |
|---|
| Nome: _____ |
| Idade: _____ |
| Nome do parceiro(a): _____ |
| Data: _____ |
| Com qual gênero você melhor se identifica? _____ |
| Quanto tempo no relacionamento atual? _____ (por favor, inclua o tempo total (namoro, noivado e casamento), e identifique, se possível, anos, meses e dias (por exemplo, “3 anos, 7 meses e 3 dias”)) |

PARTE A

(Avaliação da correspondência percebida no outro)

Considere as situações abaixo e assinale o quadrado do número que melhor representa:

1. Ouço “eu te amo” do(a) meu(minha) parceiro(a):

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Se 2, 3, 4 ou 5:

Meu parceiro(a) me diz “eu te amo” e ele(a): (numerar os parêntesis de 1 a 5 por frequência e circule qual você sente que tem mais importância para você):

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

() faz contato visual comigo.

() faz gestos (mãos, braços, pernas, etc.).

() balança a cabeça afirmativamente.

() está de frente para mim.

() está próximo(a) de mim.

() usa vestimentas que eu gosto.

() usa acessórios que eu gosto.

() busca formas de mudar as dimensões físicas de seu corpo.

() faz expressões com o rosto (sorrir, arquear as sobrancelhas, etc.).

2. Meu(minha) parceiro(a) diz “eu te amo” e faz contato visual comigo. (Exemplo:
Ele[a] olha no fundo dos meus olhos ao dizer que me ama.)

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> |

Se 2, 3, 4 ou 5:

O quanto me sinto(a) amado(a) quando meu(minha) parceiro(a) diz “eu te amo” e faz contato visual comigo:

1= Nada amado(a).

2= Pouco amado(a).

3= Moderadamente amado(a).

4= Às vezes amado(a).

5= Muito amado(a).

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Conte-me uma situação em que ele(a) disse “eu te amo” e fez contato visual com você:

3. Meu(minha) parceiro(a) diz “eu te amo” e gesticula. (Exemplo: Ele[a] faz um sinal de jóia e diz “eu te amo”.)

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Se 2, 3, 4 ou 5:

O quanto me sinto(a) amado(a) quando meu(minha) parceiro(a) diz “eu te amo” e expressa esse amor com gestos:

1= Nada amado(a).

2= Pouco amado(a).

3= Moderadamente amado(a).

4= Às vezes amado(a).

5= Muito amado(a).

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Conte-me uma situação em que algo parecido aconteceu:

4. Meu(minha) parceiro(a) diz “eu te amo” e balança a cabeça afirmativamente.
(Exemplo: Ele[a] balança a cabeça para cima e para baixo como que dizendo “sim” e diz “eu te amo”.)

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Se 2, 3, 4 ou 5:

O quanto me sinto(a) amado(a) quando meu(minha) parceiro(a) diz “eu te amo” e balança a cabeça afirmativamente:

1= Nada amado(a).

2= Pouco amado(a).

3= Moderadamente amado(a).

4= Às vezes amado(a).

5= Muito amado(a).

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Conte-me uma situação em que algo parecido aconteceu:

5. Meu(minha) parceiro(a) diz “eu te amo” e sua pupila se dilata. (Exemplo: Quando ele[a] me diz “eu te amo” posso ver o brilho em seus olhos.)

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Se 2, 3, 4 ou 5:

O quanto me sinto(a) amado(a) quando meu(minha) parceiro(a) diz “eu te amo” e percebo sua pupila dilatada:

1= Nada amado(a).

2= Pouco amado(a).

3= Moderadamente amado(a).

4= Às vezes amado(a).

5= Muito amado(a).

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Relate como foi:

6. Meu(minha) parceiro(a) diz “eu te amo” e expressa facialmente esse amor por mim. (Exemplo: Posso observar que suas bochechas ficam rosadas, sobrancelhas neutras, um sorriso de fora a fora.)

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Se 2, 3, 4 ou 5:

O quanto me sinto(a) amado(a) quando meu(minha) parceiro(a) diz “eu te amo” e expressa facialmente esse amor por mim:

1= Nada amado(a).

2= Pouco amado(a).

3= Moderadamente amado(a).

4= Às vezes amado(a).

5= Muito amado(a).

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Conte-me uma situação em que algo parecido aconteceu:

7. Meu(minha) parceiro(a) diz “eu te amo” e se posiciona de frente para mim.

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Se 2, 3, 4 ou 5:

O quanto me sinto(a) amado(a) quando meu(minha) parceiro(a) diz “eu te amo” e se posiciona de frente para mim:

1= Nada amado(a).

2= Pouco amado(a).

3= Moderadamente amado(a).

4= Às vezes amado(a).

5= Muito amado(a).

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Conte-me uma situação em que algo parecido aconteceu:

8. Meu(minha) parceiro(a) diz “eu te amo” e altera dimensões físicas de seu corpo para me agradar. (Exemplo: Meu[minha] parceiro[a] sabe que adoro corpo definido, por isso ele[a] faz academia.)

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Se 2, 3, 4 ou 5:

O quanto me sinto(a) amado(a) quando meu(minha) parceiro(a) diz “eu te amo” e altera dimensões físicas de seu corpo para me agradar:

1= Nada amado(a).

2= Pouco amado(a).

3= Moderadamente amado(a).

4= Às vezes amado(a).

5= Muito amado(a).

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Conte-me uma situação em que algo parecido aconteceu:

9. Meu(minha) parceiro(a) diz “eu te amo” e posiciona seu corpo próximo a mim para expressar esse amor. (Exemplo: Quando vamos à uma festa, meu parceiro[a] permanece ao meu lado, ou senta ao meu lado no sofá.)

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Se 2, 3, 4 ou 5:

O quanto me sinto(a) amado(a) quando meu(minha) parceiro(a) diz “eu te amo” e posiciona seu corpo próximo a mim para expressar esse amor:

1= Nada amado(a).

2= Pouco amado(a).

3= Moderadamente amado(a).

4= Às vezes amado(a).

5= Muito amado(a).

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Conte-me uma situação em que algo parecido aconteceu:

10. Meu(minha) parceiro(a) diz “eu te amo” e usa vestimentas para me agradar.
(Exemplo: Meu parceiro[a] usa camisa verde para sairmos juntos, porque verde é minha cor preferida.)

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Se 2, 3, 4 ou 5:

O quanto me sinto(a) amado(a) quando meu(minha) parceiro(a) diz “eu te amo” e usa vestimentas para me agradar:

1= Nada amado(a).

2= Pouco amado(a).

3= Moderadamente amado(a).

4= Às vezes amado(a).

5= Muito amado(a).

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Conte-me uma situação em que algo parecido aconteceu:

11. Meu(minha) parceiro(a) diz “eu te amo” e usa acessórios para me agradar.
(Exemplo: Usa o colar que eu lhe dei; não esquece a aliança; usa relógio etc.)

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Se 2, 3, 4 ou 5:

O quanto me sinto(a) amado(a) quando meu(minha) parceiro(a) diz “eu te amo” e usa acessórios para me agradar:

1= Nada amado(a).

2= Pouco amado(a).

3= Moderadamente amado(a).

4= Às vezes amado(a).

5= Muito amado(a).

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Conte-me uma situação em que algo parecido aconteceu:

**Questionário de Avaliação da Correspondência Entre Frequência e Forma de
Expressão e Demonstração do Amor**

Nome: _____

Data: _____

PARTE B

(Avaliação da correspondência autopercebida)

Considere as situações abaixo e assinale o quadrado do número que melhor te representa:

1. Digo “eu te amo” ao(à) meu(minha) parceiro(a):

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Se 2, 3, 4 ou 5:

Quando digo “eu te amo” ao(à) meu(minha) parceiro(a) faço isto enquanto (numerar os parêntesis de 1 a 5 por frequência e circule qual você sente que tem mais importância para ele[a]):

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

() faço contato visual com ele(a).

- () faço gestos (mãos, braços, pernas, etc.).
- () balanço a cabeça.
- () estou de frente para ele(a).
- () estou próximo dele(a).
- () uso vestimentas que ele(a) gosta.
- () uso acessórios que ele(a) gosta.
- () busco formas de mudar as dimensões físicas do meu corpo.
- () faço expressões com o rosto (sorrir, arquear as sobrancelhas, etc.).

2. Digo “eu te amo” ao(à) meu(minha) parceiro(a) enquanto faço contato visual com ele(a). (Exemplo: Olho no fundo de seus olhos ao dizer que o[a] amo.)

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Se 2, 3, 4 ou 5:

Sinto(a) que meu(minha) parceiro(a) se sente amado(a) quando digo “eu te amo” enquanto faço contato visual com ele(a):

1= Nada amado(a).

2= Pouco amado(a).

3= Moderadamente amado(a).

4= Às vezes amado(a).

5= Muito amado(a).

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Conte-me uma situação em que ele(a) disse “eu te amo” enquanto fazia contato visual com você:

3. Digo “eu te amo” ao(à) meu(minha) parceiro(a) enquanto gesticulo. (Exemplo: Faço um sinal de jóia e digo “eu te amo”.)

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Se 2, 3, 4 ou 5:

Sinto(a) que meu(minha) parceiro(a) se sente amado(a) quando digo “eu te amo” enquanto gesticulo:

1= Nada amado(a).

2= Pouco amado(a).

3= Moderadamente amado(a).

4= Às vezes amado(a).

5= Muito amado(a).

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Me conte uma situação em que algo parecido aconteceu:

4. Digo “eu te amo” ao(à) meu(minha) parceiro(a) enquanto balanço a cabeça.
(Exemplo: Balanço a cabeça para cima e para baixo como que dizendo “sim” e digo “eu te amo”).)

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Se 2, 3, 4 ou 5:

Sinto(a) que meu(minha) parceiro(a) se sente amado(a) quando digo “eu te amo” enquanto balanço a cabeça:

1= Nada amado(a).

2= Pouco amado(a).

3= Moderadamente amado(a).

4= Às vezes amado(a).

5= Muito amado(a).

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Me conte uma situação em que algo parecido aconteceu:

5. Digo “eu te amo” ao(à) meu(minha) parceiro(a) e minha pupila se dilata.
(Exemplo: Quando digo “eu te amo” ele[a] pode ver o brilho em meus olhos.)

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Se 2, 3, 4 ou 5:

Sinto(a) que meu(minha) parceiro(a) se sente amado(a) quando digo “eu te amo” enquanto minha pupila se dilata:

1= Nada amado(a).

2= Pouco amado(a).

3= Moderadamente amado(a).

4= Às vezes amado(a).

5= Muito amado(a).

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Relate como foi:

6. Digo “eu te amo” ao(à) meu(minha) parceiro(a) enquanto expresso facialmente. (Exemplo: Minhas bochechas ficam rosadas, sobrancelhas neutras, sorriso de fora a fora.)

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Se 2, 3, 4 ou 5:

Sinto(a) que meu(minha) parceiro(a) se sente amado(a) quando digo “eu te amo” enquanto expresso facialmente:

1= Nada amado(a).

2= Pouco amado(a).

3= Moderadamente amado(a).

4= Às vezes amado(a).

5= Muito amado(a).

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Me conte uma situação em que algo parecido aconteceu:

7. Digo “eu te amo” ao(à) meu(minha) parceiro(a) enquanto me posiciono de frente para ele(a).

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Se 2, 3, 4 ou 5:

Sinto(a) que meu(minha) parceiro(a) se sente amado(a) quando digo “eu te amo” enquanto me posiciono de frente para ele(a):

1= Nada amado(a).

2= Pouco amado(a).

3= Moderadamente amado(a).

4= Às vezes amado(a).

5= Muito amado(a).

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Me conte uma situação em que algo parecido aconteceu:

8. Digo “eu te amo” ao(à) meu(minha) parceiro(a) e altero dimensões físicas de meu corpo para lhe agradar. (Exemplo: Meu[minha] parceiro[a] adora corpo musculoso, por isso faço academia.)

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Se 2, 3, 4 ou 5:

Sinto(a) que meu(minha) parceiro(a) se sente amado(a) quando digo “eu te amo” e altero dimensões físicas de meu corpo para lhe agradar:

1= Nada amado(a).

2= Pouco amado(a).

3= Moderadamente amado(a).

4= Às vezes amado(a).

5= Muito amado(a).

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Me conte uma situação em que algo parecido aconteceu:

9. Digo “eu te amo” ao(à) meu(minha) parceiro(a) enquanto posiciono meu corpo próximo a ele(a). (Exemplo: Quando vamos à uma festa, permaneço ao lado do meu[minha] parceiro[a], ou sento ao seu lado no sofá.)

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Se 2, 3, 4 ou 5:

Sinto(a) que meu(minha) parceiro(a) se sente amado(a) quando digo “eu te amo” e posiciono meu corpo próximo a ele(a):

1= Nada amado(a).

2= Pouco amado(a).

3= Moderadamente amado(a).

4= Às vezes amado(a).

5= Muito amado(a).

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Me conte uma situação em que algo parecido aconteceu:

10. Digo “eu te amo” ao(à) meu(minha) parceiro(a) e uso vestimentas para lhe agradar. (Exemplo: Uso camisa verde para sairmos juntos, porque sei que verde é a cor preferida dele[a].)

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Se 2, 3, 4 ou 5:

Sinto(a) que meu(minha) parceiro(a) se sente amado(a) quando digo “eu te amo” e uso vestimentas para lhe agradar:

1= Nada amado(a).

2= Pouco amado(a).

3= Moderadamente amado(a).

4= Às vezes amado(a).

5= Muito amado(a).

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Me conte uma situação em que algo parecido aconteceu:

11. Digo “eu te amo” ao(à) meu(minha) parceiro(a) e uso acessórios para lhe agradar.
(Exemplo: Uso o colar que ele[a] me deu; não esqueço a aliança; uso relógio pois sei que o[a] agrada etc.)

1= Nunca.

2= Raramente.

3= Às vezes.

4= Muitas vezes.

5= Sempre.

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Se 2, 3, 4 ou 5:

Sinto(a) que meu(minha) parceiro(a) se sente amado(a) quando digo “eu te amo” e uso acessórios para lhe agradar:

1= Nada amado(a).

2= Pouco amado(a).

3= Moderadamente amado(a).

4= Às vezes amado(a).

5= Muito amado(a).

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="checkbox"/> |

Me conte uma situação em que algo parecido aconteceu:

Anexos

Antes de iniciar, por favor, responda:

(a) Estou neste momento longe do meu parceiro? () Sim () Não

(b) Concordo em responder sozinha(o) a todos os instrumentos deste estudo? () Sim ()
Não

(c) Concordo em não compartilhar minhas respostas com meu(minha) parceiro(a) durante ou logo após responder aos instrumentos, quando ele(a) ainda não tenha respondido? () Sim () Não

Anexo B

Aprovação da Comissão de Ética em Pesquisa

| DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA | |
|--|--|
| <p>Título da Pesquisa: CORRESPONDÊNCIA ENTRE FORMAS DE COMUNICAÇÃO DO AMOR CONJUGAL E SUA CORRELAÇÃO COM A QUALIDADE DO RELACIONAMENTO</p> <p>Pesquisador Responsável: Rayra Reinholz de Nazareth</p> <p>Área Temática:</p> <p>Versão: 2</p> <p>CAAE: 55794021.2.0000.5542</p> <p>Submetido em: 21/03/2022</p> <p>Instituição Proponente: Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP-UFES)</p> <p>Situação da Versão do Projeto: Aprovado</p> <p>Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável</p> <p>Patrocinador Principal: Financiamento Próprio</p> | |
|  | |
| Comprovante de Recepção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_1846202 | |

| DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA | | | | | | | | | | | |
|---|---|-------------------|----------|---------|----------|-------|--|--|--|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> ↳ Versão Atual Aprovada (PO) - Versão 2 <ul style="list-style-type: none"> ↳ Pendência Documental (PO) - Versão 2 <ul style="list-style-type: none"> ↳ Documentos do Projeto <ul style="list-style-type: none"> ↳ Comprovante de Recepção - Submissã ↳ Cronograma - Submissão 5 ↳ Declaração de concordância - Submiss ↳ Folha de Rosto - Submissão 5 ↳ Informações Básicas do Projeto - Subm ↳ Outros - Submissão 5 ↳ Projeto Detalhado / Brochura Investigaç ↳ TCLE / Termos de Assentimento / Justif ↳ Apreciação 5 - Universidade Federal do Es ↳ Projeto Completo | <table border="1"> <thead> <tr> <th>Tipo de Documento</th> <th>Situação</th> <th>Arquivo</th> <th>Postagem</th> <th>Ações</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> </tr> </tbody> </table> | Tipo de Documento | Situação | Arquivo | Postagem | Ações | | | | | |
| Tipo de Documento | Situação | Arquivo | Postagem | Ações | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | |

| LISTA DE APRECIÇÕES DO PROJETO | | | | | | | |
|--------------------------------|----------------------------|--------|------------|-------------|----------|----------------------------|---|
| Apreciação | Pesquisador Responsável | Versão | Submissão | Modificação | Situação | Exclusiva do Centro Coord. | Ações |
| PO | Rayra Reinholz de Nazareth | 2 | 21/03/2022 | 06/04/2022 | Aprovado | Não |     |

| HISTÓRICO DE TRÂMITES | | | | | | | |
|-----------------------|---------------------|---------------------------------------|--------|-----------------------|--|--|--|
| Apreciação | Data/Hora | Tipo Trâmite | Versão | Perfil | Origem | Destino | Informações |
| PO | 06/04/2022 20:16:17 | Parecer liberado | 2 | Coordenador | Universidade Federal do Espírito Santo - UFES/Campus Goiabeira | PESQUISADOR | |
| PO | 06/04/2022 20:16:07 | Parecer do Colegiado Editado | 2 | Coordenador | Universidade Federal do Espírito Santo - UFES/Campus Goiabeira | Universidade Federal do Espírito Santo - UFES/Campus Goiabeira | |
| PO | 06/04/2022 20:15:38 | Parecer do colegiado emitido | 2 | Coordenador | Universidade Federal do Espírito Santo - UFES/Campus Goiabeira | Universidade Federal do Espírito Santo - UFES/Campus Goiabeira | |
| PO | 30/03/2022 17:30:45 | Parecer do relator emitido | 2 | Membro do CEP | Universidade Federal do Espírito Santo - UFES/Campus Goiabeira | Universidade Federal do Espírito Santo - UFES/Campus Goiabeira | |
| PO | 30/03/2022 17:16:56 | Aceitação de Elaboração de Relatório | 2 | Membro do CEP | Universidade Federal do Espírito Santo - UFES/Campus Goiabeira | Universidade Federal do Espírito Santo - UFES/Campus Goiabeira | |
| PO | 25/03/2022 21:36:58 | Confirmação de Indicação de Relatório | 2 | Coordenador | Universidade Federal do Espírito Santo - UFES/Campus Goiabeira | Universidade Federal do Espírito Santo - UFES/Campus Goiabeira | |
| PO | 21/03/2022 17:11:35 | Indicação de Relatório | 2 | Secretária | Universidade Federal do Espírito Santo - UFES/Campus Goiabeira | Universidade Federal do Espírito Santo - UFES/Campus Goiabeira | |
| PO | 21/03/2022 17:11:10 | Aceitação do PP | 2 | Secretária | Universidade Federal do Espírito Santo - UFES/Campus Goiabeira | Universidade Federal do Espírito Santo - UFES/Campus Goiabeira | |
| PO | 21/03/2022 16:33:48 | Submetido para avaliação do CEP | 2 | Pesquisador Principal | PESQUISADOR | Universidade Federal do Espírito Santo - UFES/Campus Goiabeira | |
| PO | 21/03/2022 15:17:52 | Rejeição do PP | 2 | Secretária | Universidade Federal do Espírito Santo - UFES/Campus Goiabeira | PESQUISADOR | Prezada pesquisadora, Favor atualizar o cronograma Ver mais >> |